

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

## QUILOMBOLAS, PESCADORES, RIBEIRINHOS E EXTRATIVISTAS SOB EFEITOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DA UHE -TUCURUÍ E AMEAÇADOS PELOS PROJETOS DA HIDROVIA DO TOCANTINS-ARAGUAIA



BOLETIM  
INFORMATIVO

12

Boletim Informativo

Edição : Fevereiro de 2020

## PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

### COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)  
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)  
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)  
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)  
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

**Agencia Financiadora:** Climate and Land Use Alliance – CLUA

### COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM:

Rosa Elizabeth Acevedo Marin  
Jurandir Santos de Novaes  
Thamirys Di Paula Cassiano de Matos

### EQUIPE DE PESQUISA:

Maria Delma Portilho Brito (Faculdade de Etnodesenvolvimento/UFPA)  
Esmael Siqueira Rodrigues (APPATUR)  
José Omir Rodrigues Siqueira (Presidente da Associação de Remanescentes de Quilombos das comunidades de Calados e Caranãzal, Baião)  
Maria Fantinato Geo Siqueira (University of Columbia)  
Rosaly Ferreira Moreira (Professora da Escola de Ensino Fundamental Vila de Calados)  
Stephanie Vieira (Instituto de Ciências Jurídicas ICJ/UFPA)  
Karolaine Miranda Siqueira (Estudante da UFPA – Campus Tucuruí e moradora do quilombo de Calados)  
Ianna Assis do Santos (Estudante de Ciências Econômicas/FACECON – ICSA/UFPA)  
Sandro Ribeiro da Silva (Estudante de Ciências Econômicas/FACECON – ICSA/UFPA)  
Rafael da Costa Monteiro (Estudante de Ciências Econômicas/FACECON – ICSA/UFPA)

### FOTOGRAFIAS:

Maria Fantinato Geo Siqueira  
Rosa Elizabeth Acevedo Marin  
Jurandir Santos de Novaes  
Thamirys Di Paula Cassiano de Matos  
José Omir Siqueira Rodrigues

### CARTOGRAFIA:

Wellington A. A. Fernandes (LAENA/UFPA)

### TRANSCRIÇÃO:

Thamirys Di Paula Cassiano de Matos (PNCSA)  
Maria da Paz Saavedra (PPGHIST/NAEA/UFPA)

**CAPA/PROJETO GRÁFICO:** Murana Arenillas

**Apoio logístico:** Eriki Aleixo

## Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

### LISTA DE PARTICIPANTES NA MESA DE DEBATES, OFICINAS E REUNIÕES EM CALADOS, BAIÃO, PARÁ:

Maria Masília	Dalila da Conceição
Clodailson de Lima Medeiros	Maria Redirene da Conceição
Juliane de Lima Lopes	Paulo Medeiros
Nersivaldo Machado	Antônio Gonçalves
Maria Rosilda B. Lima	Ana Lúcia Meireles
Agenor P. Dias	Maria de Lourdes Próceres
Maria Luzia O. Meireles	Maria da Assunção Gomes Lopes
Deuzarina Corrêa Praia	Rosana de O. Martins
Getúlio Dias da S. Medeiros	Eliana Lopes Pereira
Alcione Oliveira de Medeiros	Solange de Lima
Maria Cilene Gaia Ramos	Ione Lima Pinto
Cândido Gonçalves Lira	Raulison C. Medeiros
José Ailton Gaia	Venceslau de S. Siqueira
Maria Iranilde Campelo	Rubens Leite Medeiros
Paulo Edilson de F. Medeiros	José Osvaldo
Balbi Mendes Morais	Rodimisom Lima
Maria Zilma L. Ramos	Dênis Lira Santa Rosa
Amilton Ramos Pimentel,	Darcílio Geraldo da S. Medeiros Brito
Adriane O.	Odaír Josué Andrade Leite
João Batista Pimentel Rebus	Rosaly Ferreira Moreira
Maria do Socorro Sousa Medeiros	Raimundo Dias Campelo
Eliana Lima Medeiros	Esmael Rodrigues Siqueira
Maria Fernanda M. Souza	Venceslau de Souza Siqueira Modelo
Rosineide Medeiros Souza	Natanael Medeiros Pinto
Mário Antônio Neto de Souza	Doriani R. Siqueira
Maria Otília Neves	Getúlio Medeiros
Ana Paula Medeiros dos Santos	Darcílio Geraldo Brito
Gilmara Medeiros dos Santos	José Omir Rodrigues Siqueira
Talita da Conceição	Sebastião Guimarães de Souza
Maria das Graças da Conceição	

### PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

### COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)  
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)  
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

### FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Quilombolas, Pescadores, Ribeirinhos e Extrativistas sob efeitos sociais e ambientais da UHE - Tucuruí e ameaçados pelos projetos da Hidrovia do Tocantins - Araguaia. – N. 12 (fevereiro. 2020). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenadores de Pesquisa deste boletim: Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Jurandir Santos de Novaes e Thamirys Di Paula Cassiano de Matos

ISSN: 2675-2263

1. Quilombolas. 2. Pescadores. 3. Ribeirinhos. 4. Extrativistas. 5. Comunidades tradicionais. I. Título.

## NÓS SOFREMOS DURANTE TODOS ESSES ANOS, NÓS QUE ESTAMOS NA JUSANTE

“ Daqui uns dias, nós estamos espremidos aqui, indo pra dentro do rio Tocantins, porque não temos mais terra pra trabalhar e, além disso, essa questão da poluição na água, essas coisas assim o que é que vocês perceberam no decorrer desses 36 anos de hidrelétrica e agora, quando é notícia e eu quero até convidar vocês, se alguém puder ir: dia 4 de julho vai haver uma audiência pública do consórcio que ganhou pra fazer o 'derroqueamento' do Lourenção e os 56 km de Tucuruí pra cá. Não sei se estão sabendo, mas tem 56 km de Tucuruí até Rua do Fogo que também vão dinamitar.

Quando foram pra construir a eclusa, vocês sofreram um grande impacto aqui, que vocês ainda não perceberam, ou, talvez, se perceberam estão calados. Uma das coisas, por exemplo, foi que cavaram aquele monstro daquele buraco lá pra fazer o canal. Ali, soltavam a dinamite. Ali, escorria através de lama o chumbo da dinamite. A rocha quando estoura, ela cria uma lâmina, aquilo que a gente põe a mão na água e vê aquilo brilhoso na mão da gente, aquilo é uma lâmina da rocha. Depois que a dinamite estoura e a amônia quando é jogado lá o concreto, porque jogam o concreto com a amônia. Ele endurece em segundos, só que ele fica escorrendo. Aquilo lá era amônia que ficou escorrendo e eles pegaram tudo isso e jogaram no meio do rio Tocantins. Então, se via que naquela época antes dessa amônia, antes desse resíduo todo, nós tínhamos uma grande fartura de cultura de curto prazo, por exemplo, o maxixe, o quiabo, melancia, vocês viram. Eu cansei de ver um monte de melancia boiada aqui no inverno. No meio do rio, a gente ia pegar melancia ali, assim como caças também. Não era necessário, a gente comprar frutas do centro-oeste. Hoje, nós estamos comendo frutas em Tucuruí lá de Anápolis que é só cheio de porcaria, que está matando as pessoas. Então, a partir desse derramamento, nunca mais, nem tabaco. A gente plantava tabaco que era uma cultura de plantar tabaco aqui, fazia o molde de tabaco, nem isso nasce mais porque a terra poluiu. A jusante poluiu. Os varzeadeiro não existe mais, já foi uma classe extinta que foi os varzeadeiro. (Esmael Rodrigues Siqueira, Mesa de Debate em Calados).

Pra deixar pra eles falarem com relação à história desde a inauguração da barragem, todo aquele processo de construção e o que nós sofremos durante todos esses anos, nós que estamos na jusante. Muito se fala da montante, que é o surgimento do lago, no entanto, nós sofremos tanto quanto eles que é a jusante, quem é pescador sabe do que estou falando. Quero deixar registrado aqui para as pesquisadoras, que aqui nós temos uma composição de povos do campo, das águas e da floresta. //

(Rosaly Ferreira Moreira)  
Mesa de Debate em Calados



Participantes na Mesa de Debate em Calados realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Calados em 21.06.2019. Baião, com objetivo de apresentar a pesquisa sobre Quilombolas, Pescadores, Ribeirinhos, Extrativistas sob os efeitos sociais e ambientais da UHE Tucuruí, ameaçados pelos projetos de Dragagem e Derrocamento da via navegável do rio Tocantins para construção da Hidrovia Tocantins-Araguaia.

Mesa de debate com o tema Efeitos à jusante do rio Tocantins com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí. Da esquerda à direita os expositores: Sebastião Guimarães de Souza, (Sabá), professora Rosaly Moreira Ferreira, Darcilio Geraldo Brito, Raimundo Dias (Campelo), Getúlio Medeiros e José Omir Rodrigues Siqueira. Coordenação Esmael Rodrigues Siqueira (APPATUR).

## TRAJETÓRIA RECENTE DO MOVIMENTO QUILOMBOLA EM BAIÃO

“E todos nós sofremos esse impacto, a redução, a poluição do nosso rio. O rio ficou mais escuro. Ele não tem mais aquela característica transparente, ficou uma água meio suja. Os peixes sumiram. As espécies diminuíram. Na época do surgimento da Reserva do Imin, tinham aqueles pesquisadores que faziam as pesquisas, eram um casal do Rio de Janeiro. Apresentaram, inclusive, o resultado pra nós lá no Imin. E lá, nós constatamos a quantidade de espécies de peixe que sumiram, desde a construção até aquele período, acho que foi 2010, 2011, se não estou enganada.



Rosaly Moreira Ferreira comenta sobre a organização da Associação de Remanescente de Quilombos da Comunidade Calados e Caranãzal sobre a necessidade de debater os impactos dos projetos na calha do rio Tocantins.

Eu sou professora, meu nome é Rosaly Moreira, filha daquele senhor que o Esmael relatou. Relatando mais no sentido de movimento. A gente trabalha algum tempo com movimentos sociais e por último, assim nós realizamos, o que pra mim foi um marco, e a gente continua a luta que foi a constituição do território quilombola. Eu estou como secretária. Nós temos o nosso presidente. Estamos ainda na luta. É bom, talvez, falar isso num conjunto de pessoas maiores da importância que nós temos. Ainda que nós ainda estamos lutando pra legalização desta associação. O território ainda está em construção. Eu digo assim, a delimitação do território, ele já é conhecido como território quilombola pela Fundação Palmares, mas quando nós fundamos a associação no dia 24 de novembro do ano passado (2018). Nós ainda estamos nesse processo de legalização de construção do CNPJ, de andar pela comunidade de fazer aquela entrevista, de você realmente se auto identifique. Nós já fizemos isso pela primeira vez, mas enquanto para desenhar o território, de fato, é necessário que essas pessoas realmente se declarem enquanto quilombola. Então, nós estamos nesse processo de construção. Tem muita coisa pra ser feita. Infelizmente, nós engatamos na parte aí financeira, que é a parte da legalização. Qual é a nossa proposta? É Calados e Caranãzal, porque Caranãzal é onde fica o centro das pessoas onde moram na comunidade. Então, essas pessoas, a gente entende que elas também querem fazer parte.

A nossa luta é essa e deixar aqui pra nossas bibliotecas ambulantes falarem do impacto que foi e é até hoje da construção da hidrelétrica de Tucuruí, não só o impacto econômico, mas, principalmente, o impacto social que sofremos e, ainda, sofremos até hoje. Embora não pareça. Embora já construiu já faz 36 anos. Embora isso não traga pra nós hoje, mas, a gente não entende que além do impacto da construção da barragem, precisa ser feito o discurso, o debate do Pedral do Lourenço, que nós enquanto comunidade ribeirinha, nós não fomos ainda comunicados. Nós ainda não fomos chamados para o debate. Nós ainda não fomos anunciados nada, porque nós ainda não éramos uma instituição organizada. Eles estão se sentando somente com associação quilombola, como eles já fizeram com Igarapé Preto, já fizeram com Bailique, já fizeram no Umarizal, mas conosco que estamos bem aqui, logo pertinho, ainda não foi feito esse debate: o que vai acontecer conosco, o povo da floresta? Ainda não foi feito o debate. Então, nós estamos à mercê do que está por vir e eu penso que a nossa sociedade, não falo só do Calados, mas do Cardoso. Nós estamos assim muito desmobilizados pra fazer um debate. Estamos muito longe do entendimento do que é o Pedral do Lourenço. A gente fala sobre o Pedral do Lourenço e as pessoas falam: o que que é isso? É de comer? O que é? ”

(Rosaly Ferreira Moreira)

## NÓS ESTAVA SENDO CONDUZIDO PRA GANHAR UM DINHEIRO, ERA PRA TRABALHAR ESCRAVAMENTE



Sebastião Guimarães de Souza, nascido na vila de Cardoso e filho do líder Manuel Brito de Souza.

“Meu nome é Sebastião Guimarães de Souza, sou filho da comunidade de Cardoso. Sou filho de uma pessoa que muito lutou, Manoel Brito de Souza. Pessoal sempre conheceram, o nome popular dele era Mano Ercílio. O que eu tenho em razão de dizer de referência a ele é aquilo que o Esmael colocou com referência no Zelito. O meu pai pra mim, ele não deixou de ser um professor e que eu aprendi muitas coisas que ele fazia, tanto na parte social, quanto nas questões das religiões, nas culturas. Sempre eu fiquei com um pedacinho dele.

E, nós, quando começa novamente a abrir um debate, uma discussão com referência a um projeto do nível da Hidrelétrica de Tucuruí que quando começou no nosso meio, eu fui com esse companheiro de camisa vermelha que no ano de 1971, 70 pra 71, nós ajudamos a derrubar o ramal que estavam traçando no projeto pra fazer a estrada lá pra varar pra Altamira, pra varar pra Marabá. Entendeu? Dentro já do projeto que nós nem sabia, porque nós estava fazendo, entrar na mata selvagem, junto dos índios, junto das onças, junto dos jabuti. Entendeu? Com machado e facão. Não tinha a ideia do que nós estávamos fazendo. Nós pensávamos que nós estava sendo conduzido pra ganhar um dinheiro, era pra trabalhar escravamente. Entendeu? Pelo projeto que estava por cima de tudo que é a Hidrelétrica de Tucuruí. Depois de anos nas comunidades, que nós começamos a discutir o que realmente era o projeto, muitas vezes, nós se arrependemos. Mas, não tem como fazer outra coisa a não ser só o arrependimento de ter ajudado a fazer o prejuízo, ajudar a construir o prejuízo pra nós. Peguei uma malária muito grande, passei três meses com ela, isso foi meu saldo. Saldo grande. E depois, nós começamos a descobrir quando a Prelazia que teve um projeto de vinte anos com padres holandeses que foi implantado aqui na nossa região, começaram a chegar nas comunidades e a comunidade começa a clarear nossos olhos do que estava acontecendo. Aí, nós começamos a ver. Chegou ao ponto que uns técnicos holandeses pra dar uma palestra pra gente, quando eles diziam que a hidrelétrica era simplesmente um motor de luz num arraial. Se faz um gerador grande lá e joga a lâmpada pra casa do Esmael que mora lá perto, joga a energia pra aparelhagem pra aliança que ia tocar e nesse. É dessa forma que colocava pra gente, que esse projeto era pra garantir o desenvolvimento das grandes empresas em outros estados, em outros países. ”

## ‘UMA BARRAGEM ENORME ALI, UM BARRANCO GRANDE ALI. POR ONDE O NAVIO VAI PASSAR?’

“Como que a gente ia acreditar que um projeto dessa natureza ia atender? Como? Entendeu? Nós passamos a pensar que nós ia ser beneficiado com a energia. Entendeu? Com a energia de graça. Foi desgraça mesmo porque pra nós conseguir essa luzinha aqui, pra tomar um suquinho aqui mais frio, careceu nós ir brigar de novo. Isso que o Esmael está dizendo, careceu nós ir brigar, nós ir apanhar, nós ir sofrer, entregar companheiro à morte. Entendeu? Pra nós conseguir estar hoje com essa energiazinha no nosso canto. Entendeu? E caro! E caro ao ponto da gente não ter condição nem de pagar. Nós não tivemos a clareza de brigar para com que essa energia viesse pra nós, já que nós sofremos grandes impactos. Perdemos nosso rio, perdemos nossas casas, perdemos nossas vidas, perdemos tudo que nós vivia e ainda pagar caro. Nós não tivemos a audácia de reunir pra brigar que pelo menos a energia viesse de graça pra gente e nós paga muito caro. Então, isso pra nós é uma doença. ”

(Sebastião Guimarães de Souza)  
Mesa de Debate em Calados

“ Quando se fala, quando eu ouvi falar agora na implantação de uma grande siderúrgica em Marabá, já passou uma outra coisa pela minha cabeça: ‘O navio vai passar aqui’. Eu digo: ‘Uma barragem enorme ali, um barranco grande ali. Por onde o navio vai passar?’. Mas, lá atrás, esse dito técnico holandês falava que na barragem ia fazer um canal que era uma caixa da água, a eclusa, ia ser uma caixa d’água e ia ficar fechado lá embaixo e lá em cima. Entendeu? Na hora que o navio entrasse aqui na caixa d’água aqui embaixo, eles iam tampar aqui e afrouxar lá e ela ia subir, até chegar no nível pra varar pra lá. Tudo isso ficou na minha cabeça naquela época, não sei quantos anos que passaram essa informação. Quando ouvi falar, agora, na implantação da siderúrgica e agora, há pouco, ouvi falar: ‘- Olha, vai ser escavado o rio’. Cheguei lá em Tucuruí com uns parentes, uns filhos que eu tenho lá. Eu tenho um filho que é curioso e ele: ‘- Papai, agora vão meter bomba no Lourenção, onde era a cachoeira Capitariquara’. Muitas vezes eu bati bolinete lá também pra passar mar adentro lá pra Marabá pra buscar castanha. Também passou pela minha mão, uma catraca que passava vinte homens seguros coçando pra passar um dente. O motor assim, ó. Entendeu? Eu também fiz isso. Esse camarada também fez.

Essas coisas na história da vida da gente, pra gente contar em pouco tempo é muito difícil. Mas, o que eu queria deixar assim: hoje, no momento que nós estamos vivendo, já é o que fazer mesmo. Aquilo que o Esmael colocava aqui pra gente, convidar a gente pra se reunir pra discutir o que fazer, porque já aconteceu muitas e muitas coisas, muitas e muitas lutas brigando contra uma empresa federal, uma empresa forte que não considera o povo pobre, que não valoriza. A única coisa que é valorizado pra eles lá é bater na costa quando vamos votar pra eleger um camarada lá pra dominar a gente. Isso tem acontecido, mas se ajuntar pra gente pra falar: ‘- Povo, vum bora discutir o que é bom pra vocês’. Não existe. Nós vamos perder o resto do rio? Vamos. Pelo que eu vejo, vamos. Vai ser escavado. Agora mesmo, o menino disse aqui que tem uma medida de lá até Tucuruí, cinquenta e seis quilômetros. E esse resto da rua do fogo pra baixo? Porque nós estamos dentro que está só areia. O que vai acontecer? O que nós podemos fazer? A usina está pronta. O projeto vai acontecer. Já está acontecendo. Vai sair. O que nós podemos fazer agora? Se organizar em entidade, em associação? Brigar com quem? Colocar o que? Se falar do sofrimento que nós já passamos por isso.

Na época, também, o homem falava: vai ter muito câncer, vai ter esquistossomose, vai ter barriga da água, cirrose. Aí, o câncer, quem diria que essa quantidade de câncer. Só aqui, nós temos três gente. Se nós falar, quem já sofreu de câncer aqui? Eu digo, a minha mulher, o Brito, entendeu? Por quê? Por causa dos grandes problemas, dos grandes impactos, da grande poluição. Pra nós discutir aqui que eles estão matando o mato com agente de laranja e nós sem nem saber o que era e eu não sei nem o que é hoje, um grande veneno. Enterraram grande parte porque não tiraram do lago e hoje já amoleceu e desceu e nós bebemos. A gente fazia campanha pra mulherada não lavar a roupa no rio quando vinha a borra grande na água, mas, infelizmente, nós não tinha água em terra. As nossas esposas, as nossas meninas iam pra lá lavar sentadas na água, naquela poluição imunda. Como é que não pode ser afetada, se aquilo a gente olha de olho nu na água está assim aquela borra. Não tinha água pra beber, o cara vai pro rio: vapi, vapi, vapi. Manda pra lá pra dentro. Lá vem mercúrio, lá vem chumbo, lá vem alumínio, lá vem tudo quanto é porcaria. Como é que nós vamos ter saúde? A grande parte do povo aqui só não está pior porque não pode fazer exame, os outros já foram. Pode procurar quem estão com a vista perfeita aqui. É muito difícil! Então, eu queria estar colocando isso porque senão, não vai dar tempo pros outros. ”

(Sebastião Guimarães de Souza)  
Mesa de Debate em Calados



Barranco observado à jusante do rio Tocantins ilustra os efeitos ambientais da UHE Tucuruí. Rio Tocantins na frente de Calados.

“ Bom, gente, eu sou nascido aqui também de Calados. Eu sou Darcílio Geraldo Brito. Eu achei muito feliz quando o Esmael lembra da nossa luta. Nós com as pessoas e comecei muito cedo, em 75, já comecei a participar com o senhor Sabá do movimento jovem pela igreja que foi a primeira educação que nós tivemos, foi através das nossas igrejas, dos padres. Aí, nós começamos o movimento. Depois, nós avançamos. Nós participamos da delegacia sindical. Eu fui um dos fundadores da CUT do estado do Pará, quando nós elegemos pela primeira vez o Paulo Rocha a presidente, eu tava lá. Conheço muito o Edmilson, cheguei a dormir na casa dele na greve de 84, a maior greve do Estado do Pará na época. Eu participei daquela greve que naquele tempo era FEPEPO ainda. Então, eu tenho uma história muito grande. Fui vice-presidente da CUT regional, da nossa região. Tenho uma história bem grande no movimento popular. Aquilo que o Esmael cobra de nós, ele tem muita razão. Mas, as coisas vão, aí a gente chega até esgotar de ver a perturbação que vem pra cabeça da gente, quando a gente trabalha nessas coisas. Ele diz que foi várias vezes acusado de certas coisas. Nós também fomos: eu, Zelito, Campelo. Nós todos fomos acusados. Um dia desses ainda teve uma discussão com um companheiro que eu com Zelito chegamos a vender dez computadores que saiu do Projeto Imin. Então, assim, nós carregamos muita cruz por estar no movimento, porque o nosso povo não acredita em santo de casa. Santo de casa não faz milagre. Quando vê uma informação na televisão de outro que vem de fora, aí não, abraça com tudo. Nós estamos vendo, está o espelho de como são as coisas começando por aqui. Deixei aqui porque era uma finalidade outra. Aí, encontraram outra palestra. Com isso, já esvaziou: - É esse pessoal que vai falar? Esse pessoal veio muito assim pra querer saber a questão financeira, 'esse negócio desse recurso', é isso que trouxe a maioria do povo aqui, não foi pra querer saber essa questão das consequências da barragem, dessas coisas todas. ”

(Darcílio Geraldo Brito)  
Mesa Debate em Calados



Darcílio Geraldo Brito e Raimundo Dias Campelo, expositores na mesa de debate.

## NÓS TIVEMOS UMA LUTA MUITO GRANDE NA ÉPOCA DA BARRAGEM

“ Então, nós tivemos uma luta muito grande na época da barragem que o Sabá colocou muito bem. Mas, na época, a Eletronorte também chegou a pagar uma senhora que vinha de voadeira. Quase todos os dias ela vinha aqui. Aí, nós fazia uma palestra na comunidade, ela chegava: '- Que, isso é papo furado! Isso são aves agourentas que estão falando e tal'. Aí, ela fazia a cabeça do pessoal. Como ela era doutora da Eletronorte, o pessoal acreditava mais nela do que em nós. Aí, essa senhora ficou lubrificando essas coisas aqui. Até veio os acontecimentos que já vinha antes.

Antigamente, eu lembro que quando a gente ia pra cidade, pro nosso Baião a remo, à canoa, a gente passava por de baixo das árvores. Aquelas árvores lindas que tinha na beira, chamava de capuraneira. Nós vinha por de baixo das capuraneiras. ”

(Darcílio Geraldo Brito)  
Mesa Debate em Calados



À altura de Calados vista das capuraneiras que margeiam o rio Tocantins.



À altura de Calados vista das capuraneiras que margeiam o rio Tocantins, na frente dessa vila, observa-se a formação de uma praia.

aquela ilha. Deus o livre, quando pegava um camaleão na ilha da Joana Mota, ela virava um bicho. Aquela ilha se acabou. Acabou aquela ilha lá. Tinha um rio que passava atrás, já comeu. Já acabou aquela ilha. Já está acabando com aquela outra ilha que tem. Então, o nosso rio, a gente vê como está tudo seco por causa dessas areias que desceram.

Quando, nós falava que o rio ia secar no fechamento da barragem, a mulher dizia que não, não. O nosso pessoal ignoraram, porque eles pensavam que ia empoeirar o rio. '- Ah, o rio não secou! O rio não secou! É mentira do pessoal que o rio não secou!'. Está aí, o rio seco, o rio seco que aquelas embarcações grandes que passavam não podem trafegar mais. De vez em quando, notícia que a voadeira bateu foi pra cima. Ficou no prego a voadeira, porque bateu na pedra, não sei o que. É o rio que está seco, mas se a gente falar que o rio secou, ainda tem gente que diz que não, que o rio não secou. Então, houve muitas perdas. //

(Darcílio Geraldo Brito)

Mesa Debate em Calados

## QUANDO A GENTE ERA MOLEQUINHO, A GENTE IA LÁ PRA CAPURANEIRA

“Eu lembro que antigamente, quando a gente era molequinho, a gente ia lá pra capuraneira, a gente enxergava mais ou menos um metro e meio pra dois metros, a gente enxergava pro fundo do rio os peixes passando, aqueles aracu, aqueles pixunas. O Esmael se lembra também disso. O peixe passava, a gente ficava olhando lá de cima. A gente ia tomar banho, ficava olhando passar o cardume de peixe. Hoje, a gente não enxerga dois palmos pro fundo e aqueles peixes, aquela fartura, sumiram. As qualidades de peixes também sumiram. Nós tinha várias qualidades, era surubim à vontade, aqui nós tinha braço-de-moça, enfim, hoje, não existe mais. Hoje, nós estamos comendo peixe que o nosso povo está criando nos tanques. Estão fabricando tanques. Isso com esforço próprio, juntando suor porque não tem investimento pra isso, pra nossa região, não tem investimento pra isso. O nosso pessoal faz uma economiazinha, cavam uns buracos e jogam uns peixinhos pra lá, ficam chamando aquelas pessoas que têm aquele conhecimento. Tem um senhor em Baião que sempre presta, aí que criam peixe. O Rubico ali tem, como diz um tio meu: '- Ele tem pirarucu porque ele cria. Mas, no rio a gente não encontra mais'. Então, ele tem vários tanques de peixe. Ele tem peixe porque cria. Então, é assim que estão as nossas dificuldades na nossa região. Aí, como diz o Esmael, nós perdemos um companheiro muito forte, insubstituível que foi o Zélito Moreira que faleceu dia 27 de agosto, dia 30, porque eu ligo muito no nosso aniversário. Ontem, eu ainda soube que estão fazendo essas inscrições aí. Então, tem gente fazendo essas coisas e nós estamos completamente tapados com isso, porque as nossas entidades enfraqueceram. Nós não tivemos pulso pra levar e aí, os outros estão vindo e pegando as cabeças fracas do nosso povo. Tá bom, vou deixar o Campelo que tem muita história. //

(Darcílio Geraldo Brito)

Mesa Debate em Calados

## A BENDITA AGRICULTURA NOSSA QUE É A FONTE DE BAIÃO: ARROZ, MILHO, FEIJÃO E A MANDIOCA. DEPOIS ENTROU A PIMENTA

“Pessoal, o que eu tenho pra dizer pra vocês, é só contar miséria. Meu nome é Raimundo Dias, sou conhecido por Campelo e é muito bom que chamem Campelo pra mim, é mais rápido eu atender as pessoas. Eu não conheci meu pai e nem minha mãe também, mas fui criado por outra pessoa, da mesma família. Inclusive, uma pessoa que viveu doente. O meu pai de criação adoeceu de tuberculose, foi embora pra Marituba, passou um montão de anos pra lá. Nós sem ver ele, sem nada. A minha mãe de criação também adoecia muito. Uma outra irmã dela que vivia junto conosco era deficiente, a ponta dos dedos dela, dos pés, era assim pra trás. Mas, o certo é que abaixo de Deus, eu até que eu mesmo me criei né, pra ser direto. E fiquei aí enfrentando essas lutas, por sinal, com muito prazer por ter conseguido. Como eles relataram o que, inclusive, já passou na nossa vida, como o Sabá falou aí, porque já trabalhamos juntos e moramos praticamente um perto do outro. Eu moro aqui na vila Cardoso e nós enfrentamos essa luta que dado o tempo vai, o tempo chega. Eu me engajei pra trabalhar na igreja católica. E a prelazia de Cametá que é a nossa prelazia, ela dava essas informações pra nós, as consequências que nós ia ter referente a essa bendita barragem e está aqui. Deu diarréia, catapora, que estou com uma neta lá com catapora lá em casa. E, que agora, está na moda o câncer né, bem na moda. E o que a gente vê essa palavra de câncer. Esses dois falaram que eles estão e eu estou com uma irmã que está agora lá em Belém, está de câncer. Cega e de câncer. Só pra vocês verem que a vida é muito boa assim, não é não, patroa? Vocês estão gostando de ver? Como o pessoal já relataram, isso passou na nossa vida. Mas, eu tinha uma grande vontade nesse sofrimento, na situação que nós passávamos.



Bifurcação na entrada de Cardoso, que junto com Vila Dutra são povoados vizinhos a Calados. Casa de farinha na beira do rio Tocantins, na Vila Dutra.

Então os agricultores que faziam parte da prelazia. Através da prelazia, para o pequeno agricultor. Aí, eles criaram um projeto pra ajudar os pequenos agricultores no trabalho de pimenta. Não era só pimenta do reino. Era todo tipo de cultura. Mas, a pimenta do reino foi mais elevada, mais trabalhada. Aí, veio um técnico agrônomo da Holanda. O nome dele chamava Bernardo, não sei se ele já morreu ou não. Quem eu sei bem que morreu foi o padre Tiago, que era um gigante aqui pra nós em termo de agricultura. E aí, intermediado do padre Tiago, ele teve a oportunidade de trazer esse agrônomo de lá da Holanda pra vir nos dar curso e aí com isso, eu fui um deles que participei quatro anos do curso de agricultura. Aí, num lugarzinho de Baião que tem atrás da colônia, é uma coloniazinha que tem aí atrás de Baião, lá foi um sítio. A prelazia comprou uma área de terra e aí, eles fizeram lá esse trabalho, esse campo de experiência. Lá tinha tudo que era tipo de plantação, de cultura: era pimenta do reino, era café, era cacau, tudo que era tipo, até a própria roça, guaraná, tudo tinha lá. Aí, a gente ia pra lá, aprender a trabalhar com essas culturas. E aí, por isso eu peguei uma boa instrução com pimenta do reino, com tudo, afinal. Agora, sempre tem uma coisa que a gente gosta mais e a gente se aprofunda melhor. Isso que aconteceu.

O guaraná aqui na nossa região, ele não se adaptou muito bem, não foi pra frente. O cacau que vai, mas a gente também não se adapta muito com ele na terra firme, só quem tem ilha. O certo é que o que ficou mesmo no alto foi pimenta do reino. A gente está trabalhando até hoje. Até hoje, eu trabalho na pimenta do reino em minha lavoura. É, na minha própria terra. De primeiro, eles [família] trabalhavam tudo comigo. Sabe? Mas, hoje, já estão tratando cada qual do seu, mas tudo tem o seu bocadinho. ”

(Raimundo Dias)

## O PROCESSO DE VENDA É PRA ATRAVESSADOR



Máquina de ventilação de pimenta do reino.

“ O processo de venda é pra atravessador. No tempo do padre Tiago, ele levou trabalhando e orientando a gente com cooperativa né, mas aí, ele nunca conseguiu o pessoal trabalharem em cooperativa. E aí, a gente vive nessa situação de atravessador. Em termos de comercialização não, ninguém nunca trabalhou. Por isso, que estou dizendo, no tempo do padre Tiago, ele levou lutando pra gente criasse uma cooperativa aí em Baião, aí era uma maneira da gente trabalhar por conta própria, através de cooperativa, mas, ele nunca conseguiu, porque nós não se adaptemos, não demos força pra ele e aí, ele não conseguiu. A gente vende a pimenta. ”

**(Getúlio Medeiros)**

Entrevista em Calados

“ Pimenta tem essa vantagem, que na hora que a gente leva um saco de pimenta, ou um meio saco lá que seja, aí é na hora o dinheiro mesmo. Não vão perguntar se a gente quer açúcar, café, não. A gente pesa, está aqui o dinheiro. Agora é uma realidade, você não achar uma pessoa que eu acho que não tem, que não tenha ao menos uma televisão e uma geladeira. Foi duas coisas que ajudou: com a pimenta do reino e quando o Lula foi presidente que ele ajudou muito, energia foi na época do Lula. ”

**(Zenaide Campelo de Medeiros)**

## ‘CADÊ O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE BAIÃO? CADÊ A COLÔNIA DOS PESCADORES? CADÊ A BENDITA COOPERATIVA?’

“ Gente, o Esmael teve a felicidade de dizer: ‘- Cadê o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Baião?’ Bora pisar em cima de Baião. Cadê a Colônia dos Pescadores? Cadê a bendita Cooperativa? Cadê as associações que se acabaram tudo? Nós acabamos tudo as associações. E, agora, como disse o Darcílio que me cochichou bem ali no meu ouvido. Dá pra nós observar, quando nós chegamos aqui, o pessoal estava ansioso que o que vocês vinham trazer pra cá era dinheiro, logo, pra ser direto. Pessoal, me desculpem, deixem de ser bobos. Nós temos sendo enganados. Um rapaz foi lá no Cardoso nos enganar e foi por isso que falei umas coisas e Sabá falou de novo na reunião. Eu falei lá em casa pra ele e eu não disse pra ele que tu é mentiroso, mas, eu disse pra ele que eu não acredito. Poxa, gente! Está aqui o governo que nós estamos. ”

**(Raimundo Dias, conhecido por Campelo)**

Mesa de Debate em Calados

“ Bom, eu, vocês me desculpem, pessoal, mas eu não tenho mais o que falar. Pra mim não ficar repetindo o que já falaram, mas eu vou aproveitar de falar por causa disso, eu sou Getúlio Medeiros, faço parte do conselho, da associação. E assim, o meu trabalho sempre foi esse: apoiar as coisas e sempre embaixo da prioridade e é isso que eu quero dizer. E, o meu trabalho particular, social, eu pouco tenho feito. Pois bem, essa coisa da barragem, que o pessoal que estão falando muito nela. O que eu fazia era apoiar, acreditar no trabalho deles. Mas, eu pouco ou nada, eu lutei por isso. Eu não vou mentir pra vocês. A minha luta, durante a minha vida aqui, eu, agora porque eu não posso mais e nem está existindo também, é derrubar pau de mata, fazer minha roça, plantar meu tabaco na ilha. Hoje, eu só estou praticamente pimenta, fazendo alguma coisa de acordo com as minhas possibilidades. Deixa-me fortalecer aqui a parte do seu Getúlio. Olha, o seu Getúlio foi eleito presidente da associação de moradores aqui de Calados, foi reeleito e ele trabalha muito a questão da cultura, cordão, boi bumbá, samba de cacete, isso é com o Getúlio esses negócios das culturas. Inclusive, ele está aqui, mas as crianças estavam ensaiando pra lá. Ele está preocupado com o ensaio lá. ”

“ Eu sou José Omir Siqueira, sou presidente do quilombo. E como o pessoal disse aqui, mas a gente lembra da nossa pesca. Lembro muito da pesca. Por quê? Enchente de rio, desova de peixe. A gente está vendo aqui na nossa localidade de Baião, Mocajuba, Cametá e descendo aí pra cima. A gente vê aqui no nosso rio a desova do peixe, estraga mesmo ova do peixe. Chega lá, quantidades estão desovando naquele momento lá. Quando é de manhã, a gente volta lá, a gente vê só os urubus comendo aquelas ovas. Lagarto comendo as ovas. Então, a gente perdemos aquilo ali. Nós estamos perdendo tudo isso aí. Eles, lá, não enxergam isso aí. Porque nós poderia arranjar uma prova e tirar foto e levar pra essa gente, pra mostrar. Mas não, como ele falou, o pessoal não vieram aqui. Eu convidei o pessoal pra vir aqui. Mas, eles pensaram só nesse momento que ele falou lá, que essa associação veio. E eu fui lá. Eu falei pra ele, pra ele. Fui buscar o conhecimento: por que ele foi lá na nossa comunidade sem chamar as lideranças que existem nas nossas comunidades? Desrespeitou as nossas comunidades. Então, eu fui lá e reclamei com ele. Aí, eu volto nas desovas dos nossos peixes. Nós perde todo ano. Está secando o rio. Eu ia com o papai pra ilha. O papai é uma pessoa deficiente, Tiago é o nome dele. Eu ia com o papai pra ilha. Papai levava já um paneiro. Papai chegava numa caída que é dentro do rio, a gente pescava e puxava pela beira, puxava. Ali, onde nós passava em tal lugar ia puxar o tucunaré, puxava. Mas, agora não tem mais, não puxa mais. E veio muitas pescas como fisga, veio pra dentro do rio. Se a gente for à noite, vai com visão de novo com a lanterna buscar o peixe que está lá. A população cresceu, então o peixe diminuiu. Eu não sei o que aconteceu. Mas, pra mim, o que aconteceu foi a desova do peixe. Desovam. Seca. Os bichos comem as ovas e vai acabando tudo. É isso. Eu vejo meu filho hoje, Emanuel é o nome dele. Emanuel está com uma micose, já gastei bastante com ele, mas vai ficar bom, mas, na graça de Deus, ele vai ficar bom. É isso, esse impacto que nós estamos sofrendo hoje. Eu queria que todos nós se reunisse. A gente não vai fazer pegar esse dinheiro aqui de mão beijada. Eu não sei se vai ter esse dinheiro, que eu acho difícil. Mas, por que ninguém briga por uma causa pra não fazer essa escavação no nosso rio? A audiência pública e ninguém veio nenhum dia em Baião. Chamei um vereador pra vir aqui. ‘Mas, infelizmente, cara, hoje é aniversário do meu sobrinho lá em casa’. ‘Poxa, você nasceu em Calados. Vá lá também’. Está entendendo? Aí, vejo isso, só está esse pessoal aqui. O Rubico ali. Esse pessoal já brigaram demais. Estão brigando. Eu me orgulho de ter um irmão que está brigando no dia a dia. E eu estou nessa luta. Ele perguntou pra mim várias vezes: ‘É isso mesmo que tu quer?’ ‘Eu quero isso’. Eu sou presidente de uma associação de quilombola de Calados, trabalho voluntário, trabalho com criança e adolescente. Voluntariamente, sem pedir nada pra ninguém, trabalho sozinho. Estou muito agradecido e honrado pela presença de vocês. Era isso que eu queria falar. ”

(José Omir Rodrigues Siqueira)  
Mesa de Debate em Calados



José Omir Rodrigues Siqueira, presidente da Associação de Remanescentes de Quilombo da Comunidade de Calados e Caranãzal, pescador, expõe sobre a situação da pesca à jusante do rio Tocantins.

## HOJE NÃO, TODOS NÓS TEMOS OS NOSSOS DIREITOS, CHEGAR LÁ, MARCAR UMA AUDIÊNCIA COM O PREFEITO, SEJA LÁ COM QUEM FOR, VOCÊ VAI FALAR

“Ah! A pesca era demais boa, porque naquele tempo tinha muito peixe. Porque quando eu atinei de pegar essa profissão de pescaria. A minha, o negócio de costura dava. Eu comecei a receber em Cameté. Com 35 anos, eu me aposentei. Aí, chega lá, era meio salário que eu recebia naquele tempo, mas dava pra pagar passagem de barco. Comprava rede. Comprava tudo, tudo. E ainda trazia dinheiro. Hoje em dia, o salário que eu recebo, quase um salário. Não sei se saiu. Mas está bom. E aí nessa arrumação, naquele tempo, eu lançava a pescaria porque eu larguei a de alfaiate, porque eu deixava uma coisa aqui. Eu cortava calça, camisa, deixava tudo arrumadinho assim, agulha lá na almofadinha, na máquina espetadinha. Era só eu que pegava. Começava a ver, quando eu chegava já não estava mais. Já estava de outro jeito. E assim, eu fiquei com medo de deixar uma calça cortada dos outros e quando fosse ver, não tava certo o par. Aí, vou parar. Ou fica, ou então nê?”

Aí, eu parei. E aí, começou a pesca. Naquele tempo, eu ia pra cidade. Meu instrumento naquele tempo na pesca era pari, de flecheira que a gente faz aquele pari alto. Pegava, passava nas gaiolas, ia pegar peixe. De lá trazia minha açúcar, meu café todinho, tudo, tudo. E já ganhava a minha aposentadoria. E a minha mulher já fazia carvão, já fazia farinha e ninguém não comprava nada, minha dona, principalmente, alimentação. O pari é feito manual, é tecido. Eu preparava sete, cinco, oito panos de pari. Outros me comprava. E aí, nós ia tapar o igarapé. Eu pescava aqui, em Japirica. Aqui é Baião mesmo. É um furo, um igarapé grande. Olha, eu ia a remo, no inverno. Até lá perto no rio Tocantins, nós ia pescar. É, naquele tempo não tinha gelo, era a gente retalhava pra salgar. A gente pilava um bocado de pimenta do reino misturado com cominho assim pra moquear aquele peixe, a mosca era muito. A gente secava aquilo dali e ficava cheiroso. A gente abre o cacuri assim e ele entra. Agora de lá pra ele fica pra cá ou pra cá. Ele não sabe sair. Os pequenos eu soltava. A senhora já ouviu falar no matapi? A língua do matapi é igual a língua do cacuri, assim. Eles e todos sempre me deram muito peixe. Na época era bom demais, era rápido que pegava peixe. Mas hoje, depois que subiu a barragem, acabou tudo.

Quando eu me entendi ainda existia pesca, aquele negócio de barco. No tempo desse senhor Moreira, o comércio tinha embarcação. Outro comerciante ali de cima tinha um. O resto era só no remo, casco, casquinho. Mandava o cara fazer o casco pra duas, três pessoas no remo. Saía. Tinha caniço, anzol. Para cada qualidade de peixe era um tipo de anzol. O que pescava piau era o número quinze. Pescada número onze e assim quando saía pra pescar, cuidar de peixe, assim levava o caniço. Além do caniço, nós tínhamos o pari que a gente fazia de flecheira. Você conhece a cana? Era tipo a cana. Você raspa. Tem o tibuí que comprava pra tecer o peneiro. Descia o igarapé e fazia dez pari em baixo, oito pessoas, sete. Ainda agora tinha falado do Cacuri, lá que era a morte do peixe. Faz o Cacuri com aquela boca, o peixe entrava e não acertava a sair por onde ele entrava. Parecia o matapi que o camarão entra e não sai. Aí, depois disso começou a chegar a malhadeira. ▄▄

(Tiago Siqueira)  
Entrevista em Calados



Tiago Siqueira, alfaiate, pescador e bisneto do fundador de Calados. A localização do comércio do senhor Moreira na beira do rio Tocantins é indicada por José Omir Rodrigues Siqueira que representa um vestígio arqueológico do povoado.

“Nessa malhadeira que se acabou o peixe. Por causa dessa malhadeira e dessa nossa barragem que acabou. Tem tantas qualidades de peixe que não se conhece mais. A água que ficou pra nós quando fizeram essa barragem aqui da cor do café. Nessa água, muitos peixes não se acostumaram. E desde aí, minha dona, só foi decaindo, assim como teve essa barragem aqui pra nós. A habitação aqui da vila cresceu demais, que antigamente era pouca gente que procurava, agora, hoje em dia, todos procuram seu meio de vida, tudo tem sua malhadeira, tudo tem seu caniço.

Antigamente, seu Moreira aí, nós plantava arroz, milho. Comprava anual. Começava a comprar, quando era fim do ano nós ia vender o que era pra pagar a nossa conta. Pagava a conta aí voava tudo, pagava. Dentro disso, a gente tirava a borracha. Ele fornecia gente também pra tirar a palafita da maçaranduba. Tinha borracha, tinha maçaranduba, tinha concha. A gente tirava concha e tudo ele cobrava. Concha é um material desse tamanho assim de todo tipo, partia ela no bucho. Fazia até botão dela, faz cal, aquele botão de madrepérola que falam né, bonitinho, bonitinho! Alguma concha a gente acha uma perolazinha no rio. Fechou, leva que nem arraia, a gente abre ela e vendia. Tudo isso existia de primeiro e a gente comprava tudo. Era fácil, por uma parte, era fácil. É porque primeira coisa, a alimentação era aquela grande abundância que tinha. Saía com qualquer anzolzinho, caniço, na beira da água, aí você puxava a sua boia, seus peixes. ”

(Tiago Siqueira)  
Entrevista em Calados



Zedane da Silva Medeiros, jovem estudante de Calados desenhou o curumatã, peixe que em 2019 reapareceu nesse trecho do rio Tocantins.

## QUILOMBOLAS NARRAM EFEITOS À JUSANTE DA UHE TUCURUI

“Muitos peixes a gente nós não vimos mais. Pois é, naquela época, eu era parceiro dele. Já tenho 51 anos, depois dele, passando dele. Nós saía de madrugada daqui. Quando dava uma hora, duas horas da tarde, nós estava aqui já com o peixe: tucunaré, tudo quanto era marca. E, hoje em dia, você vai, você não vê mais aqueles pacu né, não tem mais pra cá. Ogeraquim não tem mais, também. Não tem a cachorra, também sumiu. Ripa esse ano começou, pinta uma aqui, outra ali. Jutorana não existe também mais pra cá pra nós, acabou. Tem umas jutoranas, assim, pequeninas. Elas começaram a aparecer agora. Jeraqui não. Curimatã, ele sumiu, agora que ele apareceu que a água cresceu ano passado. Não, ano retrasado, a água cresceu, aí criou muito. Hoje em dia, tem muito, tem muito. Você olha na beirada está assim botejando pra tudo quanto é lado, tem muito. Mas, a população não tem o respeito. Hoje em dia, eles querem até peixinho desse tamanho. Vem muita gente de Cametã e eles vão levando é tudo. ”

(Roberto Rodrigues Siqueira)  
Entrevista em Calados

“Eu me criei, na verdade, eu vou falar bem claro, comendo guariba, camaleão, macaco, comendo preguiça, quati, mucura. Nós nos criamos assim, comendo isso. Só porquê.”

(Esmael Siqueira Rodrigues)  
Entrevista em Calados

“Primeiro, vai aparecendo as praias. Ali por onde vocês passaram hoje ali no Félix pra cima. Da rua do Fogo pra cima, ali naquele pedaço, aquilo lá seca. A voadeira quando passa lá precisa diminuir o motor. Passa bem devagarzinho porque está bem seco. Foi nessa época mesmo. Eu queria fazer uma pergunta pra vocês: o que vocês acharam do nosso rio aí? Com essas coisas que eles estão querendo fazer, a Eletronorte, cavar o rio? O DNIT. Eu fui lá na audiência. Olha, eu achei que pra nós é muito ruim, porque eu tenho pra mim assim, a partir que eles cavarem, esses igarapés que vocês foram lá hoje, eles vão secar, porque a profundidade vai ser muito. Trinta metros que eles falaram lá. Eu vi vocês. Aí, eu tenho pra mim que essa água da ressaca vem descer tudinho pra essa profundidade aqui. E os peixes, pra onde é que eles vão? Eu tenho pra mim que nós não vamos comer peixe mais, porque é mais fácil pra gente pegar é lá nesses igarapés. Todo ano fica daquele nível. Então, se torna difícil pra nós. É a mesma? Olha, a Eletronorte, esse DNIT, eles querem acabar com nós, eu acho, porque nós que vivemos aqui ribeirinhos, do que nós vamos sobreviver? A gente vai rápido. Hoje em dia, vocês vão ver, ontem vocês viu, o rapaz estava pescando. Eu não tenho pressa de sair. Quando é de manhã, uma hora dessa cedo estou chegando. Eu trago negócio de trinta quilos, quarenta quilos de peixe. Chega aqui, dou pro papai, dou pros meus irmãos, assim. Eu não vendo. A coisa mais difícil, eu vender. Mas aqui quando, se um dia chegar a cavar, esse rio, eu tenho certeza de que a hora que eu for lá, eu não pesco mais. Não. E outra coisa, quando chega na época, era pra vocês virem mês de novembro e dezembro. Vocês verem coisa triste. A época da desova do peixe. Pra cá, a água só vai crescer no mês de fevereiro e março depois de encher a barragem é que eles soltam. Aí, a água vem, ela cresce um pouco. Ela cresce dia de sábado e domingo, ela cresce. Aí, quando dá segunda-feira, eles baixam. As ovas, quero que vocês vejam, urubu e os calangos comendo tudo as ovas do peixe, estão tudo em terra, formiga, cheio de formiga pelos cantos. Aquele fedor, sabe?

Nessa época que era pra vocês verem a destruição. Então, a Eletronorte que é o culpado. Grande quantidade, quando o peixe vai pra desovar, é muito peixe, em quantidade. Lá pra cabeça da ladeira, você escuta o barulho do peixe quando ele está desovando. Aquela barulheira toda. É roncando, é pulando e aquela alegria, eu acho, toda dele. No outro dia está a água seca, pronto. O bicho vai, come. Eu digo que, muita gente diz, que o homem que acaba. Não. Pode ser eles lá, mas morre peixe demais, é triste. Estou te falando.”

(Roberto Rodrigues Siqueira)  
Entrevista em Calados



Oficina de cartografia iniciada com o debate de quadro síntese dos efeitos sociais e ambientais da UHE Tucuruí.



Ruínas do trapiche construído que desabou e não foi utilizado pelos pescadores de Calados.

“A mudança sobre a vegetação mudou muito. Hoje, se a gente precisa de um pau pra tirar madeira, vamos dizer, antigamente era muito usado a maçaranduba, o acapu. Então, isso tudo já se acabou. Não existe mais quase na nossa região. Mas, isso e eu ponho a culpa até em nós mesmos, que foi nós mesmos que acabamos, porque na época, a gente só se mantinha mesmo através da roça. Não tinha pimenta, não tinha nada. E aí, com trabalho da roça foi se acabando essas coisas, esses tipos de madeiras, angelim. Tinha muito angelim. Hoje, eu tenho três pés de angelim bem aqui perto; já vieram aqui com dinheiro querer comprar de mim e eu disse que não vendia de jeito nenhum.

No rio, o que eu observo é essa história que todo o tempo a gente vem conversando né, que é barragem, que já se acabou com muitas qualidades de peixe que tinha antigamente. Hoje, a gente não vê mais e não vê mais por que não tem e eu parei de pescar, mas, nunca mais ouvi dizer que um pescador pegasse uma pratinheira. Pratinheira era um peixe muito gostoso, comprido assim que se chamava jutuarana bocuda, mas o nome dele mesmo verdadeiro era pratinheira e isso nunca mais a gente vê nem dizer neles e assim têm muitas qualidades de peixe. O pacu péua se acabou também, a gente não se vê falar.

Isso aí já existia sim, o barranco, as praias, elas já existiam sim, antes das barragens já existiam essas coisas. Os barrancos surgem através da chuva, que chove muito, desce na ladeira. Sabe? Em termo de enxurrada, aí a terra amolece, quebra, isso de vez em quando existia esses barrancos.. Não. Isso aí, se a barragem solta a água e a água sobe, ela até ajuda. Não deixa de ajudar. Sabe? Agora na hora que ela abaixa de uma vez é que é o problema, que aí, os bichinhos, os alevinos se acabam mesmo, porque sempre assim, os peixes procuram as partes mais secas, mais baixas pra eles ficarem lá na sombra, no mato, enfim. ”

(Getúlio Medeiros)  
Entrevista em Calados

A presença negra ainda hoje no vale do Tocantins é inquestionável. Subindo o rio palmilha-se um mundo marcado por comunidades negras, de Cametá a Baião, começando no rio Cupijó, Curaçambaba, Porto do Campo, Anuerá, Laguinho, e mais para cima na confluência com a cidade de Baião, os povoados negros perfilam-se, de Vizânia, São Benedito e Baixinha, à Bailique Beira, Bailique Centro, Papelone e Umarizal, entre outros. Trazem nas narrativas as linhas da história da ocupação e da reafirmação no tempo, dos traços de uma identidade que permanece através dos grupos, e de sua organização econômica e política, muitas vezes bastante fragmentada. A abertura da estrada. Transcametá, na década de 80, atravessou as terras reclamadas, os levando a rearmar novas estratégias de territorialidade, reafirmadas nos Encontros Anuais de Anilzinho. As lembranças dos velhos demarcam territórios de uso, apontando áreas de trabalho, de caça, de pesca e de coleta de castanha, e servem para rever práticas antigas de identificação de lugares de posses, de usos comuns, de festas e de herança social. As festas têm sido rememorizadas em um exercício de formação política, a exemplo dos rituais e festas de reverência a São Benedito, ou ainda nas práticas de trabalho agrícola associadas ao lúdico, com os ritmos fortes marcados pelo batuque, lundum e samba de cacete. (Acevedo Marin e Castro, 199, p. 91).

No decorrer de 1999, a discussão fundamental entre as comunidades era definir o conceito de terra de domínio coletivo e as consequências advindas de tal escolha, comparativamente ao título individual, cujo conhecimento era de domínio público. O movimento seguiu os passos de concepção de marcos institucionais, fundando três associações que recobrem os pleitos de 21 comunidades, organizadas enquanto representação política, que são: 1. No município de Baião, e com sede na Comunidade de Umarizal, a Associação de Comunidades de Remanescentes de Quilombos de Umarizal Centro, Umarizal Beira, Boa Vista, Paritá-Mirim e Balieiro - ACORQBU; 2. No município de Oeiras do Pará, porém com sede jurídica no de Baião, a Associação de Comunidades de Remanescentes de Quilombos de Bailique Centro, Bailique Beira, São Bernardo e Poção - ARQIB; 3. Na mesma situação de vinculação municipal, com sede em Igarapé Preto, a Associação de Comunidades de Remanescentes de Quilombos de Igarapé Preto, Pampelônia, Itaperucu, Araquembau, Baixinha, França, Cupu, Campelo, Igarapezinho, Teófilo, Calados, Carará, Porto de Oeiras e Tatituquara - ARQBI. A reivindicação é de título de propriedade coletiva, regido pelos critérios associativos, cuja demarcação procedida pelo ITERPA, assegura a entrega dos títulos que recobrem 101.000 há, para o final do ano 2000. As comunidades que hoje lá se encontram, seja subindo o rio ou percorrendo a Estrada Transcametá, em direção à Tucuruí, somam 35, denominadas: Bailique Centro, Teófilo, Umarizal Centro, Umarizal Beira, Baixinha, Araquembau, Paritá Mirim, Joana Peres, Igarapé Preto, Cupú, Igarapé Zinho, Varginha, Bailique, Bailique Beira, Carará, Poução, Nova América, França, Porto Grande, Marigabeira, Uxizá, Rio Branco, Rio Preto, Melanciar, Costeira, Menino Deus, Malambia, Tatituquara, Balieiro, Boa Vista, Campelo, Papelone e Itaperucu.

MARIN, Rosa Acevedo e CASTRO, Edna Maria. Mobilização política de comunidades negras rurais. Domínios de um conhecimento praxiológico. Novos Cadernos NAEA. Vol. 2, Nº 2. Dez. 1999. (p.73-106).

## ISSO AQUI É TERRITÓRIO QUILOMBOLA- EXERCÍCIO DE DESENHO EM GRUPO<sup>1</sup>

**“ José Omir Rodrigues Siqueira:** Os quilombos do lado direito do Tocantins, daqui de Baião, são Engenho, Santo Antônio, Santa Fé, Calados e tem Vila Dutra, Cardoso, Prainha, Canta Sapó, que não se reconhecem. Pra margem esquerda estão Bailique, Umarizal, Itaperuçu. Varginha não é. Umarizal é o maior do Baião e depois tem Boa Vista e Paritá que não são e Joana Peres. Tem os quilombos de Mocajuba, de Cametá, todos à jusante da hidrelétrica de Tucuruí.

**Rosaly Moreira:** Aqui é o rio Tocantins. Aqui em cima está Tucuruí e aqui está Mocajuba só pra delimitar o território em Baião. Aí aqui está a cidade de Baião. O território de Baião. Do lado esquerdo do rio Tocantins está aqui as ilhas, árvores. Já do lado direito que é pra cá, já não tem isso aqui. Vamos ter efeitos sociais, efeitos ambientais.

**Esmael Rodrigues Siqueira:** O Lourenção fica entre Jacundá e Itupiranga. Lá é 43 km que vai ser dinamitado. Agora não. De lá de Tucuruí pra cá é 56 km que vai ser dinamitado. Vão abrir o canal. Porque ali onde nós vinha na voadeira, porque ela não alcança 5m de água. Ela não alcança 5m. Ela é bem rasiinha aquilo lá pro barco que nós viemos. Mas, quando, mesmo está na seca tem que vir devagar, desviando de pedra. Todas essas pedras vão sair. O grande problema que eu acho que hoje que a gente vai discutir bastante aí, é, por exemplo, o conforto e o sossego dos pescadores, porque todo mundo é pescador, porque não vai deixar mais canoa na beira, vai ter que puxar pra terra, porque quando as barcaças começar a passar... Aí, vem aquela questão, vocês viram o vento. Imagina só uma barcaça com o minério passando e esse vento vem aí. Não. O resíduo do minério vai pra onde? Vai cair no Tocantins. O vento vai jogar ele na água. Como é que vai ficar a qualidade dessa água? Vai ser assim, um desenvolvimento pra uns, pra poucos e desgraça pra muitos. É isso que vai acontecer, porque essas barcaças vai ser horrível quando passar aqui.

**Getúlio Medeiros:** Sempre o Sacai emendou. Foi emendado. Porque o rio Tocantins tem os seus afluentes. Não, o Pirituba e o Sacai sempre foram emendados. Sempre foram emendados. O que estou dizendo que emendou foi uma parte da parte da ilha que caiu. Do Sacai, tinha a ilha no meio, sim senhor, entre o rio grande e o Sacai. Agora, aquela ilha lá se acabou e ficou. Vou fazer uma comparação aqui pra ti, pra clarear. Isso aqui é o rio grande nosso, o Tocantins, e isso aqui é a ilha e isso aqui é o rio Sacai. Não era uma verdade, é só pra fazer uma comparação, então essa ilha, essa parte grande aqui se acabou, já caiu tudinho. Então ficou assim, Tocantins e Sacai.

**Rosaly Moreira:** Aqui em Baião tem aquela praia do Mapará. Certo! Aí, a gente passa e desce ali pra quem vai pra Baixinha, aí tem aquela ilha que entra. Tem uma ilha que entra aqui e eu não sei o nome, bem aqui em frente de Baião.

**Rubens Leite Medeiros:** O nome do rio é Manapiri por trás da ilha.

**Getúlio Medeiros:** Tem um outro, um outro aqui que vai lá por trás, que aqui pega e aqui já começa, que eu peguei do lado errado. Isso aqui é o rio, outro rio que pega o outro lado o Baixinha. Aí, primeiro vinha o Baixinha, Araquembau, o Igarapé Preto.

**Rosaly Moreira:** A gente usa esses nomes aí: primeiro distrito que é o Tocantins, primeiro e segundo distrito. Primeiro e segundo distrito, que esse aqui entra de frente do rio Itupara. Mas isso aqui não é Bacuri?

**Rubens Leite Medeiros:** Não. Bacuri está pra cá. Bacuri é um riozinho que entra dentro desses, é um afluente desse aqui. Esse Itupara é um que vai até...

**Rosaly Moreira:** Então, essa ilha aqui na frente do Manapiri que vai?

**Getúlio Medeiros:** Vai, vai, é. Bem ali, ele entra aqui assim.

<sup>1</sup> A professora Rosaly Ferreira Moreira fez os traçados do croqui seguindo orientações e informações cotejadas, na forma de dialogo muito atencioso, com os senhores Raimundo Dias Campelo, Getúlio Medeiros, José Omir Rodrigues Siqueira, Rubens Leite Medeiros, Venceslau Siqueira e Esmael Rodrigues Siqueira.

**Rubens Leite Medeiros:** Pra onde entra o Araquembau?

**Rosaly Moreira:** Está aqui, bem aqui, Baixinha, Araquembau, Bailique, Campelo, Varginha, Umarizal aqui. Aí Joana Peres.

**Rubens Leite Medeiros:** Aí, bem daqui tem um igarapé.

**Rosaly Moreira:** Aí, descendo aqui...

**Rubens Leite Medeiros:** Vamos supor que o rio Bacuri entra pra cá porque ele é igual o Macaco, tem fim.

**Rosaly Moreira:** Isso, entra pra cá. Entra aqui.

**Rubens Leite Medeiros:** Ele é galho desse rio.

**Rosaly Moreira:** Quando a gente vai lá, entra um negócio aqui que é isso que vocês falaram.

**Rubens Leite Medeiros:** Esse é o Manapiri.

**Rosaly Moreira:** Aí a gente continua descendo e a gente avista já.

**Rubens Leite Medeiros:** O rio Manapiri desemboca bem aqui.

**Rosaly Moreira:** A Baixinha já aqui e aí que eu fui conhecer semana passada que o seu Sebastião Pontes morava bem aqui.

**Rubens Leite Medeiros:** É, o que era?

**Rosaly Moreira:** A Baixinha é uma localidade. Uma vila. Aqui, vila Araquembau. Tudo isso aqui é território quilombola. É um rio.

**Rubens Leite Medeiros:** Isso é um outro rio que desemboca no rio Tocantins.

**Rosaly Moreira:** Aí, forma uma ilha.

**Getúlio Medeiros:** Rio segundo distrito. Primeiro e segundo distrito.



A professora Rosaly Moreira insere no croqui os detalhes de história e ecologia informados pelo grupo.

**Rosaly Moreira:** Essa ilha que se forma aqui no meio em frente ao Baião, como é que se chama?

**Rubens Leite Medeiros:** Ilha do Mapará, rio Manapiri.

**Rosaly Moreira:** O rio Tocantins é um divisor de terras. Desse lado da margem direita chama-se primeiro distrito. Do lado de lá é o segundo distrito. E tem agora o terceiro e quarto distrito. Joana Peres que é o quarto distrito.

**Getúlio Medeiros:** Ele entra na margem e encaminha esse rio aí e encaminha esse rio aqui.

**Rosaly Moreira:** Nós temos o Araquembau. Depois nós temos o Taperuçu. Aí tem várias, tem Varginha, tem Campelo. Primeiro lugar é Campelo.

**Rubens Leite Medeiros:** Varginha já é pra Colônia. Bailique é próximo ao Umarizal. Bailique Beira, porque têm dois Bailique.

**Rosaly Moreira:** Bailique Beira né. Aí, vem Umarizal pra cá e depois. Boa Vista é antes ou depois?

**Rubens Leite Medeiros:** Depois do Umarizal. Umarizal e Boa Vista.

**Rosaly Moreira:** E Paritá?

**Rubens Leite Medeiros:** Também, acima de Boa Vista.

**Rosaly Moreira:** Jutáí é pra cá. Depois de Ituquara vem aqui entra o Rio Joana Perez. Esse rio tem saída?

**Rubens Leite Medeiros:** Não. Qual o nome desse rio?

**Rosaly Moreira:** É o de Joana Perez.

**Getúlio Medeiros:** Ele faz cabeceira lá no Inferno.

**Rosaly Moreira:** É porque tem um lugar chamado Inferno. E aqui, a área da RESEX é pra cima?

**Rubens Leite Medeiros:** Onde está Paritá Mirim? Paritá Mirim está aqui, a área da Reserva, ela fica aqui.

**Rosaly Moreira:** Jutáí é pra cá, depois de Ituquara vem Itunica.



Versão preliminar do croqui e a descrição do croqui sendo registrada pelas pesquisadoras.

**Rubens Leite Medeiros:** A área da reserva fica aqui. Ela fica entre o Paritá e o Joana Perez.

**Rosaly Moreira:** Essa área que vocês colocaram verde que é a área da RESEX Ipaú- Anilzinho. Ou seja, toda essa área aqui é protegida pelo governo federal, porque ela emenda a reserva com a área quilombola. E toda essa área da Baixinha até Igarapé-Preto é uma outra comunidade.

**Rubens Leite Medeiros:** Se for colocar as áreas central quilombola, coloca Igarapé-Preto, Bailique Centro.

**Rosaly Moreira:** E ela faz a divisa com eles. Acima de Joana Perez já fica vazio pra cá, ne?

**Rosaly Moreira:** O Anilzinho fica pra dentro. Igarapé Preto é uma localidade, uma vila. Umarizal, Bailique, Boa Vista, é uma associação de território quilombola; esse aqui grande que vai dar lá em Oeiras. São três associações do lado de lá. ARQIB e a do Bailique e do Umarizal que é outra. Do lado da margem esquerda do rio Tocantins, nós temos três associações quilombolas. Uma que pega da Baixinha e vai até a divisa com Bailique Beira, com Bailique Centro, que são doze comunidades, incluindo uma área do território de Oeiras. Bailique, Campelo, Varginha já são outra área quilombola. É Bailique Beira, Bailique Centro e São Bernado.

**Rosaly Moreira:** São Bernardo. Umarizal, Boa Vista e Paritá Mirim é outro território quilombola, o território deles emenda com a RESEX Ipaú-Anilzinho; e do lado do centro já seria tudo área de assentamento aqui. Que faz divisa com Pacajá e Tucuruí, tudo área de assentamento.

**José Omir Rodrigues Siqueira:** Onde é que está? Tem que colocar Marajó, ainda tem uma ilha lá, Marajó. Ela fica na RESEX.

## OBSERVAÇÕES<sup>2</sup> REFERIDAS AO MAPA FORMAÇÕES NO RIO TOCANTINS À JUSANTE DA UHE TUCURUÍ (BAIÃO)

**José Osmir Siqueira:** - Esse banco de areia fica bem no meio do rio.

**Rosaly Moreira:**- É, em frente fica a casa dele. Daquele homem que nós visitamos. Nós saímos do Calados e logo aqui, em frente a essa pra aqui é Cardoso. Nós descemos e nós começamos a subir. Aqui é o Macaco. Tudo é ressaca. Aí, nós saímos do Macaco, voltamos, rodamos aqui e viemos aqui na casa do Joaquim. Daqui da casa do Joaquim, nós entramos no Mucangue. Atravessamos, fomos lá no Mucangue, essa ressaca bem aqui. Nós saímos do Mucangue, entramos no Japirica? Japirica aqui, olha.

---

<sup>2</sup> No segundo período de campo, agosto de 2019, foi realizado um trajeto em embarcação a motor com duração de cinco horas, saindo de Calados (próximo ao trapiche que desmoronou) e percorrendo os rios, (Ararai, Paraxininga) furos (Manapiri, Mucangue) e ressacas (Macaco, Bacuri, Brev, Jutai). Foram feitas duas paradas prolongadas na ilha do senhor Joaquim e no Imim (ponto conhecido como Centro Experimental do Imim ou Cooperativa). Diversos elementos foram fotografados, identificados e georreferenciados. Observar as diversas formações e alterações nesse espaço contribuiu para compreender os efeitos ambientais e sociais da UHE Tucuruí. O registro sobre a sedimentação do leito do rio, mudanças no fluxo de água altera a ictiofauna, criatórios e presença de espécies, formação e ampliação de praias e bancos de areais, conforme comentaram com insistência na oficina de junho e observações in loco em agosto. Os dados colhidos foram discutidos com o geógrafo Wellington Fernandes e processados por ele em termos cartográficos, o que nos permitiu no retorno a Calados, em 25 de outubro de 2019, com dois mapas - o primeiro Carta Imagem de satélite que dimensionou formações de bancos de areia; o segundo, mapa Temático, que foram examinados em reunião com Rosaly Moreira e José Omir Rodrigues Siqueira e equipe de pesquisa para estudo e observações a começar pela toponímia. A transcrição desse estudo do mapa consta no texto inserido adiante. Contudo, algumas dúvidas persistiram sobre o mapa e, em 13.02.2020, José Omir Siqueira Rodrigues, a convite da equipe, em Belém, verificou no Laboratório do LAENA/NAEA o conteúdo do mapa Formações no rio Tocantins à jusante da UHE Tucuruí (Baião).

**José Osmir Siqueira:** - Pegamos peixe com o senhor lá.

**Rosaly Moreira:**- Aí, subimos no Japirica, dentro do Japirica que tem outra ressaca.

**José Osmir Siqueira:**- Aqui, bem aqui é o Bacuri; aqui é o Jutaí; aqui é o Breu.

**Rosaly Moreira:** - Nós fomos lá nessa ilha bem aqui. Vocês lembram? Nós viemos, entramos no Bacuri. Quando nós retornamos, nós já viemos por aqui, por essa ilha e nós descemos de novo por aqui.

**José Osmir Siqueira:** - Isso aqui é o Araraí Não. Foi aqui no Imin [a cooperativa]. Já fica nessa ilha aqui que fica em frente.

**Rosaly Moreira:** - Tem Morceguinho, é logo na entrada por aqui, só que a gente não vai colocar tudo isso aqui. Araraí e têm várias entradas aqui.

**José Osmir Siqueira:** - Araraí que fica lá onde nós fomos pegar o peixe com o rapaz, fica do outrolado. Eu acho que esse aqui é o Panaxininga que corta.

**Rosaly Moreira:** - E essa ilha é a Ilha do Panaxininga, né.

**José Osmir Siqueira:** - Aí, vamos pegar o Imin.

**Rosaly Moreira:** - O Imin é esse grandão. Tudo que estou colocando vocês já sabem que é ressaca. Tá Isso aqui é o Macaco. Aí, bem aqui é a casa do seu Joaquim. Aqui é o Mucangue. Dentro do Japirica tem o Araraí. Aí, aqui nessa ilha do Panaxininga tem o Imin.

**José Osmir Siqueira:** - Isso aqui é uma passagem de frente de Ituquara.

**Rosaly Moreira:** - Dentro do Japirica tem outra ressaca que é o Bacuri.

**José Osmir Siqueira:** - E dentro dessa ressaca grande tem o Bacuri, tem o Jutaí, tem o Breu, tem o Araraí. O Araraí, é o seguinte, ele vai assim, olha, desemboca num furo.

**Rosaly Moreira:** - E essa ilha grande que vocês estão vendo aqui que é a famosa ilha do Bacuri.

**José Osmir Siqueira:**- Essa ilha grande vai terminar aqui nessa dobrada que vai pro Joana Peres, porque o Joana Peres já fica em terra firme.

**Rosaly Moreira:** - Essa praia aqui é do Mapará, que é a famosa praia de Baião, turística. Essa Ilha Grande, tudo bem, Maraiada, correto. Essa Santero aqui não sei. Mas, eles falaram aqui no dia o nome dessa ilha.

**José Osmir Siqueira:** - Manapiri é um furo que passa aqui por trás da praia de Baião, elavem varar aqui por trás da praia, desse lado aqui do rio, dessa praia aqui de cima. Tem um furo que vem de lá. Quando a água está muito grande, eles não passam por lá que a água corre muito. Eles vêm por dentro desse furo aqui, ô. E aqui dentro desse furo tem uma comunidade que mora aqui dentro.

**Rosaly Moreira:** - Isso aqui deve ser Araquenbau, aí, aqui vem Baixinha, Colônia, Vargínia, Taperuçú. Vai subindo, isso aqui é tudo comunidade até chegar no Umarizal, Boa Vista, tudo quilombola. Lá já é Oeiras né? O território do Bailique quase cem por cento é Oeiras.

## SE A GENTE FOSSE DESENHAR TODO TERRITÓRIO DE BAIÃO NÃO DARIA NESSE PAPEL

“ Se a gente fosse desenhar todo território de Baião não daria nesse papel, aqui seria toda área de acampamento, os quilômetros: o quilômetro 50, o quilômetro 80, São Lucas, Daniel Lucas, Chico Mendes que faz divisa com Tucuruí. Que faz divisa com Pacajá e Tucuruí. Do lado de cá eu falo que nós temos as comunidades mais tradicionais, do lado da margem direita do rio Tocantins. Digo assim tradicionais porque a gente não tem muito assim áreas de assentamento. Tem a área que foi a primeira área de colonização que é a área da colônia, que vem o programa de colonização da década de 80, que foi aqueles nordestinos que vieram pra colonizar a Amazônia e muitos deles vieram pra colônia Magalhães Barata, muitos deles que colonizaram toda essa área aqui atrás. Tanto é que até hoje nós considera as pessoas que mora aí pra dentro de colônia. Digo leva de nordestinos porque daquele programa que vieram vários nordestinos. Sim, teve essa época dos soldados da borracha, mas teve uma outra época que eles vieram colonizar. Eles vieram para área de colonização que a gente chamava de polo Amazônia, aqueles polos de colonização. Eles vieram, não vieram extrair a borracha. Vieram colonizar, trabalhar na agricultura, trabalhar no extrativismo, trabalhar na pecuária, é essa realidade desse pessoal aqui. Vila de Ituquara, aqui eu tenho Igarapé-Preto, tudo isso é vila Flechal. Isso tudo é colônia. ”



Plantio de dendê na estrada Calados - Cardoso.

(Rosaly Moreira)



Criação de gado na estrada de Calados à Cardoso.

“ Paranaxinica, Japirica, e depois que vem o Mucanguê. Ainda tem o Macaco. Pro outro lado são terras quilombolas, o pessoal que vieram fugido pra cá, se esconderam aqui nessas ilhas. Essa área aqui da colônia, ela cresceu muito por conta da poluição do rio, porque veja só, eles eram, as primeiras famílias que vieram pra cá, vieram plantar e criar. Eles eram agroextrativistas na década de quarenta. Depois veio uma leva na década de oitenta, só que eles não eram extrativistas de castanha. A castanha é aqui nessa área do rio pra cá pra cima, a castanha, a borracha. Eles extraíam mais, tanto a questão da fauna que são os animais e outros tipos de frutos e plantavam muito cacau, eram grandes plantadores de feijão, milho, arroz. ”

(Rosaly Moreira)



A Casa de farinha que está no quintal que fica atrás da casa do senhor Tiago Siqueira. Secagem e limpeza da pimenta feita perto das casas na vila de Calados.

## AGRICULTURA DE ARROZ, FEIJÃO E ATÉ DENDÊ

**Getúlio Medeiros:** - Não. Eles trabalhavam mais com agricultura. Arroz, feijão, milho, mandioca.

**Rubens Leite Medeiros:**- Trabalhava com uma lavoura chamada lavoura branca. Hoje a lavoura branca é voltada para pimenta. A agricultura principal é a pimenta.

**Raimundo Dias- Sr. Campelo:**- E outra, é tudo pela mesma mão de obra que troca de dia, tudo começou através dessa organização. Hoje, já manda derribar, roçar, é o mutirão que fala. Naquele tempo era convidado.

**Rosaly Moreira:** - Mas é bom vocês registrarem que a pimenta veio da organização social, da organização das pequenas associações que vieram, que foram formadas, associação de produtores, de agricultores.

**Raimundo Dias Campelo:**- Depois vem esse programa que ela está falando do FNO que nós financiamos do banco para plantio de pimenta, que não foi, aliás, para plantio de pimenta, açaí, cupuaçu, acerola, só que não teve mercado aqui em Baião. Aí, com isso, foi abolido, aí plantamos de novo a pimenta, viemos pela pimenta, pra pimenta diretamente. Com isso porque é onde o trabalhador ver um dinheiro melhor e você joga na balança um saco de pimenta, o comerciante não vai perguntar o que você quer.

**Raimundo Dias, Campelo:** -Essa mudança está acontecendo no nosso meio e vamos ter que ser obrigado e não tem mais outra conversa, é conversa fiada. Cada produtor vai ter que ter o seu tanque pra criar seus peixes. Porque o peixe vai acabar de uma vez, porque agora nós estamos vendo um restinho de peixe que agora nós estamos vendo, isso vai acabar. Se acontecer, que vai acontecer, esse trabalho que eles vão fazer aqui pra cavação do rio. Não interessa dizer que não vai acontecer porque vai; porque a tecnologia não quer nem saber se tu vai passar bem, o que vai acontecer, de eles botarem plano. Eles não tãem aí, se der de passar por cima de ti passa, não vai ter outra solução.



Rubens Leite Medeiros e Raimundo Campelo comentam como está a economia de Calados e Cardoso.



Pimenta em quintal de Calados.

## O MEU PAPEL É AMOSTRAR PRA MINHA JUVENTUDE

O meu papel é amostrar pra minha juventude e isso que eu cobrei de ti também e da minha filha como professora que o lugar de vocês é um lugar muito bom, muito especial, mas: o que está faltando? O que eu sinto, o que também não sei se é isso, é vocês botarem o peso da camisa de vocês pro pessoal ver vocês pra fora, não somente aqui dentro dessa sala de aula. Então, a palavra direto que eu quero falar pra ti, como pra minha filha, aqueles que querem ver ela, tem que ir lá no quarto dela ver, desculpa aí, é uma palavra meio chateada, mas, é lá na casa dela, se querer ver ela, tem que ir na casa dela. Ela não tem, ela, aliás, os professores, aliás, não tiram um dia, não sei quando, no mês, pra tentar reunir com a comunidade, ir lá no Cardoso, pro Cardoso vir aqui, reunir o pessoal, olha hoje é o dia do curso, bora pra lá, deixa eu falar também os meus pontos de vista, porque o Getúlio, porque o filho dele pode ser professor também, ou professora, como eu tenho professora, mas, hoje, a minha filha é professora, mas, eu sou um semianalfabeto e eu preciso de vocês que não é só meu filho que está precisando. E eu que não estudei também? Eu preciso.

(Raimundo Dias Campelo)

“Eles são frutos de uma escola social. Ele, o meu pai que falou muito ontem, o Zélito. Eles não tinham medo. Nós somos outra geração que deveríamos ser mais ousados, digamos assim. Eu fui formada junto com meu pai nessa escola, mas ele veio de uma escola bem mais firmada do que nós. É, realmente, todo domingo, sábado e domingo, eles se reuniam. Eles iam pra frente de batalha, eles iam reunir. Eles tinham essa disponibilidade, esse prazer. Isso de frente de batalha era ir no enfrentamento com outras pessoas, convidar pra reunir, formar associação, formavam grupo de debate. ”

(Rosaly Moreira)



Nas décadas de 80 e 90 lideranças de Cardoso e Calados reivindicaram garantia de terras tituladas, educação, saúde, apoio à agricultura. Os dois prédios (o primeiro destruído e o segundo uma construção abandonada) revelam que a batalha por direitos continua.

“A seringa é muito na ilha. Era no Pacoval que tinha, no João Moreira. E está faltando colocar o tipo de floresta que tinha: castanha, maçaranduba, copaíba, anjelim, pau d’arco, cedro, piquiá, uxi, sapucaia, cumaru, cajarana, hoje não existe bem mais. E a caça: paca, tatu, catitu, camaleão, preguiça, guariba. Cutia é da parte da ilha. Capivara, jacaré. E os peixes? Em todo o rio Tocantins e principalmente esse bendito Imin. O matupeua, icaraqui, surubi, a sarda, braço de moça, papel-manteiga. E os peixes que sumiram. Mapará, dourada, cara-branca. ”

(Raimundo Dias Campelo)



Senhor Rubens Leite Medeiros fez a apresentação final do croqui junto com o senhor José Omir Siqueira.



Alunos da Escola Municipal da Vila de Calados reunidos na biblioteca dedicaram-se a desenhar.

“Depois da eclusa esse barranco só fez aumentar a erosão porque, a partir do momento que começaram a tirar as areias que eram natural daquele local, ali. A Camargo Correa começou a tirar areia ali, automaticamente a água ganhou força e com isso foi mudando o ecossistema, no total. Onde havia praia, vegetação, ela deslocou, deixou desamparar na beira do rio e começou a erosão. Já existia antes da construção da barragem, mas, depois, aumentou só fez aumentar. Era área funda, onde se usava a pescada. Hoje está tudo seco por que da erosão. ”

(Esmael Rodrigues Siqueira)

## PORQUE HOUE ESSA MIGRAÇÃO DO POVO RIBEIRINHO

“ Mas a área do Maturá, do Açaizal, esse pessoal aí tudo migrou. Esse pessoal foi embora pra cidade de Baião, pra cidade de Tucuruí, pras vilas vizinhas, porque com o fechamento da barragem houve aquilo que sempre dá, o fake news que a barragem ia arrebentar qualquer hora, que ia levar todo mundo. Inclusive, eles mesmo, o pessoal da Eletronorte começou a avisar, aí, o pessoal se desesperou, aí houve essa grande migração. A cidade de Baião era muito pequena, fechada. Hoje, o bairro novo da cidade de Baião é maior que a cidade de Baião que era antiga, porque houve essa migração do povo ribeirinho, que era esse povo que morava nas ilhas. Por exemplo, morava muita gente nas ilhas, esse pessoal quase todo mudou pra Tucuruí e pra Baião, igual a região de Mocajuba, de Cametá. Esse pessoal mudou tudo pra cidade. Da nossa região da Rua do Fogo pra baixo. Maturá, Igarapé, Açaizal, ilha Xininga, Santa Maria do Andirobal. Esse pessoal aí, a maior parte veio pra cidade. Maturá cresceu muito lá no alto. O Açaizal cresceu do outro lado, mudou pra terra firme. Aí, houve esse deslocamento. ”

(Rubens Leite Medeiros)

“ Tem um fato novo aí, que nós temos no lago de Tucuruí, 35% a 40% de baionenses e mocajubenses, paraenses que não existia naquela região. Esse pessoal migrou em função do impacto na pesca, na terra, na ilha, são pessoas também que cultivavam cultura de curto prazo, como melancia, tabaco, maxixe, milho. Então, eles foram pra lá porque a terra perdeu a fertilização quando veio a correnteza com a força da água. Outro fato novo não, antigo, que merece ser relatado, por exemplo, o rio Maturá, hoje, não tem saída, ele vai até perto de Jutá e volta porque a praia inundou. As crianças de Santa Maria de Andirobal nessa época não estão estudando. Essa área de extração de castanheira era no Maturá. Por que Nova Jutá? Porque eles viviam aqui na Vila do Fogo, era o Velho Jutá, rua do fogo, com o deslocamento do rio Tocantins, eles mudaram pra cá, pra terra firme, na beira do rio Tocantins. Tem outro fato interessante no Maturá, por trás do Nova Jutá, digamos que Breu Branco fica aqui, onde existe uma siderúrgica que ocupou toda essa área aqui plantando teca, plantando paricá, que é um grande projeto, que acabaram com as castanheiras, foram eles que acabaram com as castanheiras. Agora, que era a CCM. A Camargo Corrêa. Hoje é de uma empresa americana, era a CCM. Aqui é plantio, um projeto muito grande, agronegócio. Quem acabou com esses castanhais foi o agronegócio. Eles tiravam as madeiras daqui e jogavam no rio Tocantins, na boca do rio Maturá, na boca do rio Maturá, que a balsa pegava e levava. ”

(Esmael Rodrigues Siqueira)

“ Esse aqui nos dá mais uma visão de como nós vive hoje. Nós mudamos nosso hábito de viver porque, por causa de muitos impactos que aconteceu aqui. Por exemplo, vocês desenharam o rio lá e vocês desenharam ele azulzinho, não foi? O rio Tocantins hoje, ele é barrento, não é mais azul, Vocês sabem disso? Antes a gente tomava banho nesse rio Tocantins sem sujo, sem medo de pegar nenhuma doença, a água era limpinha, vocês não conheceram. A gente olhava de cima do trapiche, você enxergava lá no fundo do rio. Hoje, se você mergulhar, você não enxerga mais o outro rio. O que aconteceu? O rio secou. Vocês não viram o rio fundo, mas era muito fundo aqui, passava navio. Hoje, só passa rabeta e o rio secou. Apareceram muitas praias, aí, as ilhas, caíram a metade. Vocês não sabem, mas a nossa criação de boi era nas ilhas. A gente criava na ilha o boi, o porco. Tirava a borracha. Um bocado de coisa que a gente fazia, a gente não faz mais porque. A gente culpa a construção da barragem. Hoje, com o fechamento da barragem que aconteceu. São impactos causados pela barragem. O modo de vida nosso, ribeirinho, mudou, muitos migraram pra roça. A gente chama de roça, de centro, de colônia. Muitos são exemplos disso. Eu morava aqui em Calados e fui me embora morar na roça, porque lá na roça, eu moro na beira do Igarapé. Quando, eu fui pra lá, o Igarapé não tinha poluição. Quando eu fui pra lá, não tinha nem água encanada. Mas, nossa vida tanto lá, como aqui está mudando, está num novo sistema. Eu, você sabe, estou criando peixe pra sobreviver lá, porque não existe mais a caça. Aí, o maior impacto quando começou as lutas sociais de reivindicação. ”

(Rubens Leite Medeiros)

“ Eu queria falar de um assunto que não foi falado, do assunto do maxixe. Que é muito custoso, está caro, o maxixe, a abóbora, o jerimum, o quiabo e alguns de vocês sabem que o Muá plantava muito; plantava muito na ilha e trazia aquela quantidade e levava muito pra cidade vender. E hoje, nós não vemos mais e na verdade, quero dizer uma coisa pra vocês, não está interessando mais morar na ilha. Ele dá bem, nós como trabalhadores rurais, dá bem aqui na nossa terra, mas, lá na ilha não dá. Então, não dá mais. É o grande fruto dessa querida, maldita barragem que está aqui na nossa frente, pra algumas pessoas foi muito bom esse trabalho aqui na barragem. ”

(Raimundo Dias Campelo)



José Omir Rodrigues Siqueira trabalha na pimenta do reino em fase de secagem.

## O DOM DA PARTEIRA DOMINGAS RODRIGUES SIQUEIRA

“Aqui em Baião. Dentro desta arrumação que eu estava aprendendo que eu adquiri uma família. Naquele tempo, eu estava bonito e ela bonita, se encontramos. Certo deu que nos casamos. Aí, os filhos começou chegar pra cá e eu fui me enjoando da minha profissão. Larguei. Boas máquinas, as vendi. Passei a pescar. Pegava muito peixe e dava resultado e eu gostava demais. E comecei a pescar. Apareceu essa arrumação de uma hérnia, quando eu voltei de lá foi em 2014, agora. Desde 2014 que eu não ando. E me sinto feliz, graças a Deus, de enxergar um pouquinho. De comer muito quando tem. Brinco dominó. Meus filhos toda tarde vêm pra cá comigo, me dão aquele apoio. Nunca me deixaram; porque eu não ando. Não posso andar. Eles vêm aqui. E aí, nós estamos vivendo, minha dona, eu junto com ela. Ela, quando eu casei com ela, ela não tinha esse dom, porque pra mim é dom de pegar: ‘Domingas, de onde tu pegou essa arrumação? Tu não falou nada que tu sabias pegar filho, essa arrumação tudinho’. E foi com dois filhos, a Raimunda que é a filha que mora em Tucuruí e o Samuel, com dois filhos. Depois daí ela começou a pegar filho. E junto com essas parceiras dela fez diversos cursos. Cametá, Tucuruí, tudo por aqui, ela foi fazer tudo isso. Tudo por aqui. Chegou até ter uma mala, um aparelho de pressão. Tudo, por intermédio de política, todo o pessoal, eu digo, até, que tomaram. Eu vou falar o português claro, tomaram a mala dela e ela ficou sem nada. Depois ela ia fazer da mulher do filho, mesmo assim, ela ainda pegou muito filho e, até hoje. Se venham atrás dela pra pegar filho, mas ela não dá conta. ”

(Tiago Siqueira)



Senhora Domingas Rodrigues Siqueira, parteira, esposa do senhor Tiago Siqueira.



Bens de Tiago Siqueira e de Dominga Rodrigues: máquina de costura Vigorelli. A última utilizada pelo alfaiate e o antigo pilão de café e arroz.

## PROFESSORES ESCONDIDOS ATRÁS ATÉ DO PRÓPRIO LIVRO. ELES NÃO MOSTRAM O PEITO DELES

“Mas, diante de todo esse problema, eu tinha uma vontade, um sonho de querer que um filho meu aprendesse, estudasse pra conhecer um pouco a área agrícola. Eu não tive sorte. Já tive sorte de uma filha que pensou em se formar professora. Inclusive é professora de Educação Física. E, Rosaly eu não sei se tu já soube que eu falei de ti, mas se não soube, vai saber agora. E o que eu falei e o que eu falo não é de vocês duas. Eu quero unir os professores, que eu tinha uma vontade de falar com todos os professores, que eu quero falar mais de cara a cara. ”



As crianças dedicaram-se a elaborar a planta da Vila Calados. Balneário Encontro das Águas Cuxuará desenhado por estudantes de Calados.

## MENINOS DE CALADOS FUTEBOL CLUBE – TÉCNICA, EDUCAÇÃO E SABEDORIA

“Boa noite, meu nome é José Omir Rodrigues Siqueira, eu sou o presidente de uma Associação Meninos de Calados Futebol Clube, comecei a trabalhar nessa escolinha aí, isso foi uma coisa que aconteceu, foi acontecendo pouco a pouco e daí eu comecei a ver que dava pra tirar esses meninos da rua. Primeira coisa era tirar eles da rua, daí a gente levou eles pra dentro de campo, começamos a treinar, começamos a fazer um preparozinho e daí eu fui me enturmando com eles, conversando com eles, ver qual era as ideias deles. Então, as ideias deles era ser, um dia, alguém na vida. E dessas coisas de ser alguém na vida, surgiu a ideia de vamos treinar, pra ver quem se destaca melhor e tal, aí começamos a fazer isso. Daí pra frente eu comecei a olhar o jeito deles, sem chuteiras, e fomos pedir pra fazer um bingo e conseguimos o patrocínio de um bingo. Compramos alguns pares de chuteiras e demos pra eles e daí, faltava colete, fomos atrás e conseguimos trazer os coletes, e daí eu fui pra dentro da cidade e conheci o doutor Lira e foi conversando com o doutor Lira até dar um jeito de mandar fazer o material. Ai, começamos a fazer essas coisas, e o projeto nosso é tirar os menino da rua, os menino da prostituição e os menino do mundo da droga, que hoje tá difícil, muito difícil, a gente trabalhar em cima dessas coisas, porque ... tá difícil.

Então, daí, tamo trabalhando, sabe, como eu falo sempre a eles que essa quantia de uma base de oitenta rapazes, adolescentes, pré-adolescente, criança, é difícil ser todos profissionais, é difícil eles saírem todos como profissionais, mas que seja uma pessoa que saia do mundo da droga, saia da prostituição, mas que seja uma pessoa civilizada, uma pessoa do mundo do bem. Então esse é o meu trabalho, é um trabalho voluntário, é um trabalho social dentro da minha comunidade. ”

(José Omir Rodrigues Siqueiras)



O time Meninos de Calados Futebol Clube treinador José Omir Rodrigues Siqueira (primeiro a esquerda com vestimenta azul marinho) integrado por jovens de Calados e dos povoados próximos. São mais de oitenta jovens que participam das atividades de formação esportiva e cidadã. O técnico e treinador conta com elevado reconhecimento na região.

## QUILOMBOLAS, PESCADORES, RIBEIRINHOS E EXTRATIVISTAS POSICIONAM-SE DURANTE A AUDIÊNCIA PÚBLICA<sup>3</sup> PROMOVIDA PELO DNIT SOBRE O LICENCIAMENTO DA HIDROVIA TOCANTINS-ARAGUAIA<sup>4</sup> BAIÃO, PARÁ (05.07.2019)

<sup>3</sup> No decorrer da pesquisa foi mencionado o calendário de audiências públicas para licenciamento das obras da hidrovía Tocantins -Araguaia, sob responsabilidade do DNIT. Diante das questões formuladas pelos agentes sociais sobre essa obra, que já estava pautada para o trabalho de pesquisa, foi decidido acompanhar pelo menos duas audiências, em Baião e Marabá. A presença da equipe de pesquisa nessas duas audiências permitiu arrolar informações e, sobretudo, as posições levantadas por esses agentes durante esse evento e desdobramentos como ocorreu no quilombo em São José de Icatu. No tocante a Marabá o procedimento foi atender a demanda de oficina de mapeamento em Itupiranga.

<sup>4</sup> A audiência pública foi divulgada com o título “Dragagem e derrocamento da via navegável da hidrovía do rio Tocantins”. Fonte. [dnit.gov.br/noticias](http://dnit.gov.br/noticias). Data de acesso em 5 de agosto de 2019.



Pessoas aguardando início da audiência pública convocada pelo DNIT.

## DEPOIS DESSA OBRA CONCLUÍDA O QUE VAI FICAR DE LEGADO PARA NÓS

“ Já se falou tanto de derrocamento, de dragagem. Eu ainda digo assim que IBAMA, que DNIT e Eletronorte está pra Baião como Pinóquio está para Gepeto porque nós não temos nada desses órgãos, nada. Hoje, nós estamos querendo, depois dessa obra concluída o que vai ficar de legado para nós. E o social? E o nosso município como é que fica? Quando a comunidade, o gestor aperta, eles dão a caçamba, eles dão o trator pra calar a boca do município e é isso que nós temos que lutar pelo legado que vai ficar dessa obra, é por isso que temos que nos unir e lutar. Muito obrigado! ”

(Raimundo Santos)  
Vila Ituquara

“ Boa noite! Eu sou um dos remanescentes da luta contra as conseqüências da barragem. Você falou de trauma, mas na verdade, não sei se trauma, mas eu quero aqui tentar me expor com a maior racionalidade possível. É o seguinte, eu sou do sindicato dos agricultores rurais. Eu sou secretário de políticas agrícolas e meio ambientes lá do Sindicato de Zonas Rurais. E a gente conhece essa luta. Sabe? Também conhece o trabalho do IBAMA, embora seja técnico. Mas quando o desaparecimento de várias espécies de peixe da floresta aí das ilhas, mesmo assim o IBAMA não se posicionou contra isso que ocorreu, tinha as espécies: a cachorra, o pirati, a pirabanha, muitas espécies de peixe morreu. A água do rio Tocantins é da cor do óleo diesel. Antes da barragem era azul. A gente precisa assim: ‘- Será que vai ter indenização para os ribeirinhos? Não. Será que vai ser revitalizado esse rio Tocantins? Será que esse rio Tocantins vai tornar a ter vida? Ou o contrário disso? Ou Baião, baionenses vai lá na cabeça da ladeira ver o navio passar’. Então são esses questionamentos que nós temos que fazer. Não sabemos realmente o que fazer. Outra luta, por exemplo, só pra ilustrar foi com a construção da Alunorte, fábrica de alumínio, contestando o movimento todo no Estado do Pará, protestou contra, porque já sabia que ela ia produzir um veneno; no entanto, trinta anos, quarenta anos depois, aconteceu o incidente que houve ano passado lá de Barcarena com a importação desse depósito, então, inutilizou o rio, igarapés, etc. Então, confirma a nossa preocupação. Hoje, a nossa preocupação também não é apenas com canal, mas há vinte anos mais ou menos, nós fizemos essa reunião com os representantes da Eletronorte que falava também dos efeitos da eclusa e disseram naquela oportunidade numa reunião em Ituquara. ”



Pescadores de Baião presentes na Audiência Pública coordenada pelo IBAMA e DNIT.

(Dilton Rocha)

## DEPOIS DESSA OBRA CONCLUÍDA O QUE VAI FICAR DE LEGADO PARA NÓS

“ É, porque tem certas reuniões que parece que as pessoas só vêm dar um aviso pra gente do que vai acontecer, fica parecendo que a gente veio aqui só ouvir que vocês vão fazer a obra e que só estão informando. ”

(Ajax Correia dos Santos)  
Comunidade Quilombola de São José do Icatu

“ Todo mundo cansado, nê? Quero dizer pra vocês que foi marcado às 15h e não teve total respeito pra começar à tarde com companheiro que veio de outra localidade que tiveram que se deslocar pra sua localidade. Então é importante que a gente faça esse registro, porque de fato, já começa pelo desrespeito dessa forma. Hoje, de fato, quando se coloca a questão da RIMA que faz o levantamento técnico dos impactos, das conseqüências da drenagem, a gente não vê claro nesse levantamento a questão das nossas espécies de peixe que já se extinguiram daqui do nosso município, que hoje o nosso pescado, a nossa produção de pescado, ele está influenciado em torno de trinta e pouco por cento só. Eu quero chamar aqui os peixes que de fato foram extintos, pra vocês que não conhecem, foram extintos o nosso município. Nós estamos aqui para discutir juntos esse projeto e nós não vamos aceitar que isso seja mantido. ”

(Venos Tacara de Jesus Barroso)  
Igreja- Presidente da Colônia Z-34 de Baião

## POR FAVOR, NÃO DÊ LICENÇA ENQUANTO O DNIT NÃO DESCER AQUI PRA DISCUTIR O PROJETO

“Eu sou de Igarapé Mirim. Primeiro, eu queria quebrar o protocolo. Nós perdemos o tempo para registrar, falaram um da plenária e três da mesa. Não vieram pra nos escutar? Por que a gente fica escutando só eles? Então, está errado. Já tem uma coisa concreta aí; vocês podem verificar no Ministério Público. A obra é 300 km de Marabá a Baião. O projeto, o objetivo maior é de Marabá a Barcarena. Tem alguma coisa errada nisso. Outro ponto, DNIT é o empreendedor, péssimo empreendedor, ficha suja aqui na nossa região, fez as eclusas e deixou as consequências pra nós. A BR 422 vive abandonada. Queria colocar outra questão aqui, nós sofremos dois imensos projetos e a riqueza passou por cima das nossas cabeças com os linhões que foram lá atender o resto do Brasil. ”

(Roberto Pina)

“Eu vou ser bem breve e fazer duas perguntas: Dos 300 km que vai ser feito a hidrovia, vai ter derrocagem e vai ter a coletagem. E, se nesses 300 km, a montante onde vai ser feito a dragagem vai ter sinalizações e se a jusante desses 125 km vai haver sinalização? ”

(Ronaldo Marcena)  
Vila Tauari

## COMO COMUNIDADE, ESTAMOS FALANDO POR NÓS MESMOS

“Eu gostaria de saber o seguinte: se nas nossas comunidades, assim como nós hoje entramos não é diferente, vão encerrar. Vocês vão sair com as conclusões de vocês. Nós vamos sair com as nossas. Mas, eu tenho certeza que o dia que iniciar a obra vai chegar. Se essa conclusão vai ficar pra nós lá na Praia Alta, tanto em Tauari, quanto aqui em Baião. Vou citar algumas situações que podem se encaixar, agora me diz, sem ser vistas, porque Praia Alta de Tucuruí a Barcarena não foram vistas. Nós provamos isso nos slides. Sem ser vistas, sem ser reconhecidas por suas tradições, sem ser praia, sem ser o Pedral e o mais importante, sem seus peixes nas mesas das famílias porque vão ser impactadas. É uma técnica que nós estamos pegando, porque nós somos conscientes. Nós conhecemos a área. Quem pode falar melhor do que é isso, somos nós. Como comunidade, estamos falando por nós mesmos. Nós não estamos aqui numa legislação, é as comunidades tradicionais que sucessivamente estão aqui. Vocês, como representantes do governo, qual seria a resposta que vocês teriam pra nós? ”



Pequeno grupo de pessoas permaneceu até o final da audiência.

(Domingos da Silva Santos)  
Praia Alta

## É TRISTE A NATUREZA PERDER A BELEZA DE SUA PAISAGEM. AONDE TUDO SE VAI, GENTE? SÓ VEM A FOME FICAR

“Gente, que coisa linda, não é? Sou uma quilombola. Sou de uma localidade do município de Mocajuba, território Baião. Estou aqui pra dizer pra vocês, uma coisa, uma pergunta. Eu quero cantar pra vocês que as nossas dores é muito grande e a gente consegue aliviar cantando. Eu quero perguntar pra vocês: onde foi consultado a OIT dentro da comunidade quilombola do município de Baião, a convenção 169? Onde foi que consultaram? E a Fundação Palmares está em Brasília, pessoal, a gente chama esse pessoal pra discutir, mas não discute. E vou dizer uma coisa aqui, como falava o presidente da colônia de pescadores aqui de Baião. Alguém presente na discussão lhe disse: - 'O que estão discutindo? Nós estamos é querendo pegar dinheiro do Seguro Defeso'. Estamos discutindo o que vai acontecer? Não. ”

(Maria José Brito de Souza)  
Quilombola, Mocajuba

### [CANTA]

Já estou preocupado olhando o passado, a raiz do futuro.  
Vejo que a natureza fonte de beleza e do nosso orgulho  
está sendo atacado por grandes queimadas, projetos, barragem.  
É triste a natureza, perder a beleza de sua paisagem.  
Aonde está nosso peixe que morava no mar?  
Onde está o açaí, cantinho bom do Pará?  
Já não tem mais areia, não dá mais pra ficar.  
Aonde tudo se vai, gente?  
Só vem a fome ficar.

“Então, as comunidades quilombolas estão exigindo isso, gente, a convenção 169, vamos consultar realmente. Se eu disser que o pessoal vieram de lá visitar Icatu, eu tô contando mentira aqui, eles vieram falar só com o presidente e o presidente chegou e falou: ‘- Olha, pessoal, nós vamos ter um problema, vai ser cavado uma grande estrada no rio’. Tem que falar português, porque tem coisa que se não vão entender e aí, eu comecei a falar e pra falar, mas quando que o pessoal me entende o que é. Desde já agradeço e gostaria exigir essa pergunta: a Convenção 169 é do Brasil, não é do Pará, se foi consultada nessas comunidades? ”

(Maria José Brito de Souza)  
Quilombola, Mocajuba

“Sou professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental, na escola polo de Joana Peres, na RESEX Ipaú-Anilzinho. Eu gostei da pronúncia que você fez logo na introdução que sem impactos não havia necessidade de licença, né? Isso é bem claro. Então, em nome desse progresso. A gente sabe que o capitalismo, ele tem desestruturado a vida de muita gente. Às vezes, vocês ficam perguntando: poxa, essas pessoas falam tanto em peixe, né? Tanto peixe!. É como vocês falam pra lá do feijão e também do arroz. Vocês vêem o fracasso como é, os que já saíram daqui vão dizer assim: - eles vão fazer mesmo assim sem o nosso consentimento! ”

(Deusete)  
RESEX Ipaú-Anilzinho

## EU QUERO DIZER, GENTE, QUE NÓS VAMOS SIM TER IMPACTO NA NOSSA PESCA

“Meu nome é Dionésio Macieira Rocha, tenho formação de professor também, sou pescador, sou quilombola, sou extrativista, e sou da RESEX Ipaú-Anilzinho. Eu ouvi falar tanto em compensação que fiquei meio atordoado. Pra onde vai esse tanto de compensação? Como não vai atingir as praias? Como não vai ser removido as praias, se nem todo o Tocantins tem sempre essa proporção? E pra onde que vai todo esse recurso que pra nós enquanto RESEX não chega nada pro povo, como a população vai ver se for extrativista, se for quilombola. Não aparece de benefício nada pra gente. Quando vocês viram aí o que vai ser gerado de emprego, são sessenta e poucas vagas pra 40 e pouco mil habitantes, será que vai ser compensado quem com tudo isso? O que nós vamos ter de benefício com toda essa proporção que vai ser feita? E aí, eu queria saber também o quanto de recurso o governo fica. Eu acho que agora com a drenagem, com essa dragagem que vai ser feita, eu acho que a gente vai conseguir entrar de pé e o peixe que lá tinha não existe mais vasto e com a dragagem não vai existir de jeito nenhum e aí: nós vamos ser compensados como? ”

(Dionésio Macieira Rocha)  
RESEX Ipaú-Anilzinho

“ O local da colocação aí já foi falado, a questão do rejeito tirado. Primeiro, a informação que eu tenho é que ele é jogado pra parte funda porque os deslocamentos são poucos, principalmente, na nossa área. Nós vimos aqui no gráfico a importância da hidrovía pra esse recurso, o quanto isso ia gerar. É a mesma coisa que a gente vimos na época da barragem. Pra luz teve o movimento, acabou a barragem, nós tivemos o impacto ambiental que até hoje não foi superado. Nem que a gente não queira colocar a Eletronorte, a barragem no meio disso. Nós temos uma eclusa e com certeza a Eletronorte vai cobrar a passagem lá da barça. Em relação com o pescado, quando ela diz que vamos fazer o estudo, pra nós não precisa mais de estudo. ”

(Pedro Leite)

## DISSERAM PRA NÓS QUE NÃO IA ATINGIR, QUE NÃO IA CRIAR IMPACTO AMBIENTAL, NEM SOCIAL, NEM NADA

“ Boa noite! É o seguinte, eu estava pra não vir mais aqui porque, desculpe a mesa. A metodologia que foi usada, eu não esperava que fosse assim, esperava que, apesar do jeito de vocês, viessem prontos pra fazer tudo, da forma que vocês planejaram e aí, nós era só pra ouvir. Concordar ou não, porque eu não concordo, porque aqui diz e eu quero saber quem foi em nossas comunidades e diz que foi feito um estudo lá nas nossas comunidades. Primeiro erro, só a nossa comunidade, só o nosso território são doze comunidades quilombolas, só a nossa na que eu sou presidente hoje, pegando da Baixinha até chegar no Campelo. Acompanhado com nós tem outro território quilombola que é do Bailique que é mais cinco comunidades. Sai do Bailique, entra no Umarizal que é mais cinco comunidades desses companheiros aqui, isso tudo quilombola. Tudo na margem esquerda do rio Tocantins do outro lado do rio onde a gente fica lá. Então, já está o erro por aí, se fizeram em cinco territórios, em cinco comunidades e as outras? Outro erro e mesmo assim, a metodologia foi fazer a entrevista com uma pessoa. Agora veja a comunidade nossa na Araquembaua é de 200 famílias. E aí, pergunto hoje, vai lá pra saber se eles sabem o que é isso. Outra, a minha fala é pra entoar o IBAMA, os outros que estão aqui, o DNIT e olha que nós moramos na margem da BR422 que pega território quilombola todinho, da margem da BR até o Tocantins. O nosso território compreende toda aquela região ali. Aí, está lá, hoje, a remanescente, o projeto que foi implantado lá em Tucuruí. Fecharam o rio. Colocaram a comporta lá no rio. Disseram pra nós que não ia atingir, que não ia criar impacto ambiental, nem social, nem nada. Nós já dizia que ia criar com toda a certeza, está aí o resultado com todos que me antecederam. Os lagos de Baião eram oitenta lagos. Eu preciso falar porque vocês falam mais do que nós (responde à interrupção do limite de tempo). Baião era oitenta lagos que tinha, era o berçário daqui dos peixes de Mocajuba, de Cametá, do pescado da região tocantina. Hoje, o lago foi se embora e daí, eu faço uma pergunta:

Escavar o rio, o que vai ficar?

Quantos igarapés nós temos?

Quantos rios nós temos do lado de lá e do lado daqui, vai cavar na passagem do rio?

O que vai acontecer com esses rios nossos?

Isso é pergunta que vocês precisam responder e eu sei o que vocês vão responder como vocês puder, vai dizer que não vai causar impacto. Eu quero chamar atenção para os companheiros de Baião, aqui falou o prefeito, o presidente da Câmara. Ou vocês ouvem nós, ou não pensa que vai porque nós não vamos deixar, porque aqui foi dito o seguinte aí pela companheira que acabou de sair, de Icatu, se é só pra fazer audiência. Eu queria fazer questão de pegar as assinaturas e não deixar eles levarem porque só pegaram as nossas assinaturas pra dizer que teve transparência e eu não aceito isso. ”

(Eubilde da Glória Torres)  
Associação Quilombola Vila de Igarapé Preto



O cronometro provocou indignação daqueles para quem teve controlado o tempo de fala. Audiência com dezenas de participantes teve atraso para iniciar.

## E QUANDO VOCÊS FALAM QUE A ELETRONORTE NÃO TEM NADA A VER, TEM, PORQUE A PARTIR DA BARRAGEM QUE COMEÇA ESSE SEGUNDO PROJETO, ESSE MACROPROJETO

“ E quando, vocês falam que a Eletronorte não tem nada a ver tem, porque a partir da barragem que começa esse segundo projeto, esse macroprojeto. Primeiro a barragem que fechou nosso rio, que deixou só os problemas pra nós. Depois as eclusas que aí já vem o DNIT fazer porque a Eletronorte é uma empresa do governo federal. Nós estamos falando de governo federal, é tudo governo federal, gente. Então, esse aqui é só extensão, é continuação desse projeto. ”

(Rodinei de Leal)



Roda de conversa sobre Consulta Prévia, Livre e Informada e debate sobre a Dragagem do rio Tocantins realizada no Quilombo São José do Icatu no dia 1 de novembro de 2019. (Fotografia de Maria Delma Portilho Brito).

# Estratégias de desenvolvimentos, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.
5. A Guerra no Território do Conde: Comunidades Tradicionais, Migrantes, Estado e Empresas na Disputa Territorial.
6. Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados Oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás.
7. Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará.
8. Raízes e Lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim.
9. Comunidade Geraizeira Pindaíba-MG.
10. Cartografia Social de Paracatu de Baixo, Mariana (MG).
11. Povo Omãgua Kambeba: Mobilização Política e Resistência nos Territórios Indígenas do Alto Solimões.
12. Quilombolas, Pescadores, Ribeirinhos e Extrativistas sob efeitos sociais e ambientais da UHE -Tucuruí e ameaçados pelos projetos da Hidrovia do Tocantins-Araguaia.



Manifestações reivindicando água para a vida.

Financiamento:



Climate and  
Land Use Alliance

Realização:

**PNCSA**  
Projeto Nova Cartografia  
Social da Amazônia



**UFPA**  
Universidade Federal do Pará

ASSOCIAÇÃO DE  
REMANESCENTES DE  
QUILOMBO DE CALADOS  
E CARANAZAL

**APPATUR**  
Associação dos Pescadores, Piscicultores  
e Aquicultores de Tucuruí e Região

Apoio:



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

**PPGCSPA**

Programa de Pós-Graduação  
em Cartografia Social  
e Política da Amazônia



Laboratório de Análises Espaciais  
Prof. Thomas Hurtienne (NAEA/UFPA)

